



ANAIS DO III SEMINÁRIO DO PROGRAMA
DE PÓS-GRADUAÇÃO DO INSTITUTO
SINGULARIDADES

São Paulo - SP

ANAIS DO III SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
DO INSTITUTO SINGULARIDADES
2º SEMESTRE DE 2024

ANAIS DO III SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DO INSTITUTO SINGULARIDADES

São Paulo, Brasil - 20 e 21 de setembro de 2024
Realização PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
Instituto Singularidades

Organizadoras

Profa. Ma. Adriessa Aparecida dos Santos
Esp. Anna Graziela Silva
Profa. Dra. Bárbara Barbosa Born
Profa. Dra. Carolina Fernandes Rodrigues Fomin
Profa. Ma. Carolina Ramos Resende Videira
Profa. Ma. Cristiane Cagnoto Mori de Angelis
Profa. Ma. Daniela Dau
Profa. Dra. Elizabeth dos Reis Sanada
Julia de Sousa Lopes Matos
Profa. Dra. Lilian Cassia Bacich Martins
Profa. Dra. Pâmela Carolina Martins Tezzele
Profa. Dra. Renata Condi de Souza
Profa. Dra. Vânia de Aquino Albres Santiago

Organização do evento

Profa. Ma. Adriessa Aparecida dos Santos
Esp. Anna Graziela Silva
Profa. Dra. Bárbara Barbosa Born
Profa. Dra. Carolina Fernandes Rodrigues Fomin
Profa. Ma. Carolina Ramos Resende Videira
Profa. Ma. Cristiane Cagnoto Mori de Angelis
Profa. Ma. Daniela Dau
Profa. Dra. Elizabeth dos Reis Sanada
Julia de Sousa Lopes Matos
Profa. Dra. Lilian Cassia Bacich Martins
Profa. Dra. Pâmela Carolina Martins Tezzele
Profa. Dra. Renata Condi de Souza
Profa. Dra. Vânia de Aquino Albres Santiago

Revisão

Tayná Rosario

ANAIS DO III SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DO INSTITUTO SINGULARIDADES

2º SEMESTRE 2024

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca
Instituto Superior de Educação de São Paulo – Singularidades

Direitos Autorais 2025
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS AOS AUTORES

É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por
qualquer meio, sem a autorização expressa dos autores.

A revisão e normalização dos textos são de responsabilidade dos
autores

III Seminário do programa de pós-graduação do
Instituto Singularidades, (2024: São Paulo, SP).

Anais / 2º semestre dos cursos de pós-graduação.
São Paulo, Instituto Singularidades, 2024.
122 p.: il. 523 KB

ISSN: 2966-3407

1. Pesquisa avançada. 2. Formação continuada. 3. Práticas
pedagógicas. 4. Formação de educadores. I. Programa de
Pós-graduação do Instituto Singularidades. II. Título.

CDD 370.5

Elaborado por Karina Souza – CRB/8: 8703

São Paulo, Brasil
2º Semestre de 2024
Programa de Pós-graduação
Instituto Singularidades
Acervo Digital

Comissão organizadora do III Seminário do Programa de Pós-Graduação do Instituto Singularidades

Profa. Ma. Adriessa Aparecida dos Santos

Esp. Anna Graziela Silva

Profa. Dra. Bárbara Barbosa Born

Profa. Dra. Carolina Fernandes Rodrigues Fomin

Profa. Ma. Carolina Ramos Resende Videira

Profa. Ma. Cristiane Cagnoto Mori de Angelis

Profa. Ma. Daniela Dau

Profa. Dra. Elizabeth dos Reis Sanada

Julia de Sousa Lopes Matos

Profa. Dra. Lilian Cassia Bacich Martins

Profa. Dra. Pâmela Carolina Martins Tezzele

Profa. Dra. Renata Condi de Souza

Profa. Dra. Vânia de Aquino Albres Santiago

Orientadores *ad hoc*

Profa. Dra. Andressa Pinter dos Santos Ninin

Profa. Ma. Adriessa Aparecida dos Santos

Profa. Dra. Angela Di Paolo Mota

Profa. Dra. Anita Lilian Zuppo Abed

Profa. Ma. Carolina Ramos Resende Videira

Profa. Dra. Cristiane Cagnoto Mori-de Angelis

Profa. Ma. Daniela Da

Prof. Me. Edgard Pereira Neves

Profa. Dra. Elizabeth dos Reis Sanada

Profa. Ma. Lucas Dantas

Profa. Ma. Nadia Cristina Dini

Profa. Dra. Naine Terena de Jesus

Profa. Dra. Pâmela Carolina Martins Tezzele

Profa. Ma. Renata Trefiglio Mendes Gomes

Apresentação

O Seminário do Programa de Pós-graduação do Instituto Singularidades nasceu do desejo de evidenciar a identidade de nossa pós-graduação lato sensu – apresentando à comunidade interna e externa quem somos, que cursos oferecemos, quem são nossos professores e como compreendemos a construção de conhecimento –, assim como de compartilhar conhecimentos produzidos pelos alunos ao longo de nossos cursos e ampliar o reconhecimento do Instituto Singularidades, expandindo nosso campo de atuação acadêmico e pedagógico.

O encontro teve como recorte temático o título “Educação para todas as pessoas: Caminhos e experiências” e contou com a participação crítico-colaborativa de alunos, ex-alunos, professores, coordenadores e comunidade nos dias 20 (remoto) e 21 de setembro de 2024, presencialmente, na sede do Instituto Singularidades, em São Paulo - SP.

Além de uma palestra de abertura com Alexsandro do Nascimento Santos, o encontro contou com a intervenção artístico-culturais do Grupo Mãos de Fada com uma contação de histórias bilíngue (Português e Libras), com a apresentação de trabalhos de nossos egressos, que foram organizados dentro de quatro eixos: Eixo 1 – Práticas pedagógicas; Eixo 2 – Formação de educadores; Eixo 3 – Intervenção e transformação social; e Eixo 4 – Inclusão, diversidade e equidade, e com a palestra e encerramento com Bárbara Carine.

Esta edição conta com a compilação dos resumos expandidos dos trabalhos apresentados, que demonstram o compromisso de nosso corpo docente e discente em pensar e propor ações e transformações na educação a partir da prática embasada na teoria.

Programação

20 de setembro de 2024

III SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DO INSTITUTO SINGULARIDADES	HORÁRIO
Conferência de abertura com convidado Alexsandro do Nascimento Santos	19h–20h
Compartilhamento das práticas de nossos alunos em Eixos Temáticos: <u>Eixo 2: Formação de educadores</u> - <i>As contribuições do Tatadrama na construção da subjetividade do psicopedagogo, de Ana Cecilia Oñativia.</i> <u>Eixo 3: Intervenção e Transformação Social</u> - <i>Projeto Areté de Educação Não formal Inclusiva, de Maria Aparecida de Lima Tomazelli Sabará.</i>	20h-21h30

Programação

21 de setembro de 2024

III SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DO INSTITUTO SINGULARIDADES	HORÁRIO
Iredenciamento, Coffee e contagem de histórias com Grupo Mãos de Fadas	08h30-09h
Abertura e Lançamento dos Anais de II Seminário	09h-09h30
Compartilhamento das práticas de nossos alunos em Eixos Temáticos <u>Eixo 1: Práticas de ensino</u> - <i>Novel Engineering: aplicação do STEAM na área de Linguagens, de Aline Ruiz Menezes.</i> - <i>As boas parcerias no processo de revisão no movimento da Alfabetização, de Laura Gonçalves Landi e Mariana Tomasi Maluf Guerra.</i> <u>Eixo 2: Formação de educadores</u> - <i>Bilinguismo como Recurso Expressivo: bilinguismo para Cantar e Encantar, de Adan Phelipe Cunha.</i> - <i>Música como ferramenta no desenvolvimento das funções executivas: Um guia prático para professores, de Ana Kristina Fabris Jankov.</i> - <i>Sono e Ritmo – as possíveis interferências no processo de aprendizagem: um diálogo entre antroposofia e neurociência, de Beatriz Venturinelli Santos.</i> - <i>Um diálogo sobre emoção e aprendizado na escola: proposta a ser Realizada, de Cleiri Lima Sabino.</i> - <i>Neurociência e Educação: perspectivas para a alfabetização e a prática docente, de Flávia Magalhães Roveri.</i> - <i>Planejamento integrado de conteúdo e língua: a complexidade do planejamento significativo para crianças de 3 anos, de Edson Luiz Barbosa dos Santos e Laís de Souza Pontes.</i>	09h30-11h30

II SEMINÁRIO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DO INSTITUTO SINGULARIDADES	HORÁRIO
- <i>A relação de professoras de anos iniciais com a matemática: a triangulação ensinante, aprendente e objeto do conhecimento, de Thais Batista Siqueira.</i> <u>Eixo 3: Intervenção e Transformação Social</u> - <i>Identidade e cultura: as intersecções culturais entre história familiar e os “Brasis” presentes na obra “O povo Brasileiro”, de Darcy Ribeiro, de Fernando Limongeli Gurgueira.</i> - <i>Contribuições da abordagem cognitiva-comportamental para a psicopedagogia, de Lenita Damasceno Lencioni.</i> - <i>Envolvimento Periférico Agroecológico: Corre do Grupo Da Mata, de Uriel Barbosa Lira Cunha.</i> <u>Eixo 4: Inclusão, Diversidade e Equidade</u> - <i>Educação Equitativa: a importância da psicopedagogia institucional escolar como prática preventiva e inclusiva, de Betina Jucá Cruz.</i> - <i>Comunicação não violenta no ensino de pessoas com autismo, de Carolina Ramos Resende Videira e Carolina Santos Silva Pimentel.</i> - <i>Braille na Educação Infantil: discutindo a importância da Inclusão sob o olhar da infância, de Carolina Santos Silva Pimentel.</i> - <i>Corpos Desobedientes - Incluir ou Abandonar: uma questão de gênero e sexualidade na educação, de João Lucas Moura.</i>	09h30-11h30
Conferência de encerramento com Bárbara Carine	12h-13h30

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO 008

PROGRAMAÇÃO 010

PREFÁCIO 016

RESUMOS EXPANDIDOS:

EIXO 1 - PRÁTICAS PEDAGÓGICAS 019

EIXO 2 - FORMAÇÃO DE EDUCADORES 033

EIXO 3 - INTERVENÇÃO E TRANSFORMAÇÃO SOCIAL 077

EIXO 4 - INCLUSÃO, DIVERSIDADE E EQUIDADE 097

Prefácio

É com grande entusiasmo que apresentamos os anais da terceira edição do **Seminário de Pós-Graduação do Instituto Singularidades**, realizado no segundo semestre de 2024. O evento, cujo tema central foi **“Educação para todas as pessoas: caminhos e possibilidades”**, reafirmou o compromisso do Instituto com a promoção de debates e reflexões que buscam construir uma educação mais equitativa e inclusiva.

A relevância do tema não poderia ser maior. Em um contexto global em que as desigualdades sociais e educacionais ainda se fazem presentes, este seminário convocou educadoras(es), pesquisadoras(as) e estudantes a se engajarem na busca de soluções concretas para os desafios da equidade na educação. O protagonismo dos educadoras(es), aqui, ganha destaque: ao assumirem o papel de construtoras(es) de novas práticas e políticas, são elas(es) que pavimentam os caminhos para uma educação transformadora.

As conferências de abertura e encerramento, ministradas por Alexsandro do Nascimento Santos e Bárbara Carine, trouxeram provocações e inspirações essenciais. Alexsandro ressaltou a importância da articulação entre pesquisa e prática pedagógica como instrumento de mudança social, enquanto Bárbara enfatizou o poder da educação inclusiva em construir uma educação antirracista. Além disso, momentos culturais, como a apresentação bilíngue do Grupo Mãos de Fada, reforçaram a riqueza e diversidade que permeiam a temática do evento.

Este documento reúne os resumos expandidos dos trabalhos apresentados, organizados em quatro eixos temáticos: Práticas pedagógicas, Formação de educadores, Intervenção e transformação social e Inclusão, diversidade e equidade. Os textos refletem o empenho de um coletivo acadêmico comprometido com a reflexão crítica e com a proposição de estratégias inovadoras que favoreçam a equidade educacional.

Convidamos o leitor a percorrer estas páginas, na expectativa de que as ideias aqui registradas inspirem novas iniciativas e colaborações. Que este seminário e os trabalhos nele apresentados possam ecoar como um convite permanente à ação em prol de uma educação verdadeiramente para todas as pessoas.

Boa leitura!

Dr^a Bárbara Born
Diretora de Pós-Graduação, Extensão e Pesquisa



EIXO 1

PRÁTICAS DE ENSINO

ALINE RUIZ MENEZES
ORIENTAÇÃO: PROFA. DRA. ANDRESSA PINTER DOS SANTOS NININ

01. NOVEL ENGINEERING: APLICAÇÃO DO STEAM NA ÁREA DE LINGUAGENS

SÃO PAULO
2025

Aline Ruiz Menezes ¹

Orientação: Profa. Dra. Andressa Pinter dos Santos Ninin²

Palavras-chave: Novel Engineering; Metodologias Ativas; Ensino de leitura; STEAM.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo apresentar os resultados da pesquisa desenvolvida durante o curso de Pós-graduação em Metodologias Ativas para uma Educação Inovadora do Instituto Singularidades intitulada "Novel Engineering: uma abordagem inovadora em sala de aula" e apresentada em 2023.

A pesquisa surgiu das inquietações da autora enquanto professora de Língua Portuguesa: como desenvolver nos alunos o gosto pela leitura? Ao mesmo tempo que o senso comum vem apontando que os jovens estão lendo cada vez menos devido ao excesso de uso de telas, há uma ideia de que o uso dos dispositivos digitais, assim como a interação nas redes sociais, são formas de leitura e produção de texto de gêneros textuais contemporâneos.

Por outro lado, o engajamento em leituras literárias tem parecido cada vez menor. Isso é perceptível dentro do ambiente escolar e fora dele, como apontam os dados da 5ª edição da pesquisa Retratos da leitura no Brasil promovida pelo Instituto Pró-Livro. Segundo ela, 47% dos estudantes que responderam à pesquisa podem ser considerados leitores de livros de literatura, sendo a maior parte deles estudantes do Ensino Médio.

Assim, surge a ideia deste trabalho, que é apresentar uma abordagem ainda pouco explorada no Brasil, a Novel Engineering (NE), uma proposta ativa de leitura que envolve os princípios do STEAM.

¹ Mestre em Linguística Aplicada pela Unicamp, licenciada em Língua Portuguesa pela UFOP, especialista em Metodologias Ativas pelo Instituto Singularidades. Atua como professora de Língua Portuguesa na rede particular de São Paulo há dez anos. Tem experiência como professora do Ensino Superior e com formação de professores. Tem interesse pelos estudos linguísticos e literários, tecnologias educacionais e metodologias ativas.

² Possui graduação em Ciências Biológicas pelo Mackenzie, mestrado em Oceanografia Biológica pela USP, doutorado em Oceanografia pela USP, especialista em Metodologias Ativas pelo Instituto Singularidades, especialista em Computação Aplicada à Educação pela USP. Atualmente, é coordenadora de área e professora da rede particular de São Paulo.

METODOLOGIA

Para esta pesquisa, realizamos o levantamento bibliográfico acerca do tema trabalhado e outros tópicos a ele relacionados, como as metodologias ativas e o estudo do ensino de leitura e produção de texto em sala de aula.

Nasequência, desenhamos uma proposta de atividade que foi realizada com alunos do 6º ano das séries finais do Ensino Fundamental, para testar e modelar uma proposta de aplicação da NE na educação, especialmente no contexto brasileiro.

RESULTADO

Os alunos leram uma obra literária e realizaram as etapas que envolvem a NE, que são as mesmas da trajetória do design: identificação do problema, pesquisa, chuva de ideias, escolha e planejamento, criação, testes, revisão do projeto, compartilhamento.

Assim, conforme a leitura ia sendo feita, os alunos deveriam identificar problemas que poderiam ser resolvidos com uma solução de engenharia, envolvendo qualquer parte da obra e seus personagens.

Ao final, eles produziram soluções para os personagens ou enredo da história.

DISCUSSÃO TEÓRICA

A Novel Engineering é uma abordagem criada para incentivar o trabalho com engenharia nas escolas dos EUA em conjunto com as aulas de ELA (English Language Arts), disciplina que, no contexto brasileiro, abrigaria as aulas de Línguas, especialmente a de Língua Portuguesa.

Assim como Bacich e Holanda (2020) propõem que o STEAM deva estar pautado na Aprendizagem Baseada em Projetos, os trabalhos com a NE devem ter como foco os projetos de leitura.

Usamos como base para essa pesquisa a obra "Novel Engineering, K-8: an integrated approach to engineering and literacy", lançada em 2020. Nela, pesquisadores apresentam essa abordagem educacional, desenvolvem modelos para o trabalho em sala de aula e comentam planos de aulas.

CONCLUSÃO

Concluimos que a NE pode caber no contexto escolar brasileiro, já que não requer uma série de equipamentos tecnológicos ou dinâmicas muito complexas em sala de aula. No entanto, requer organização por parte do professor e cooperação da escola (coordenação, direção e outros sujeitos envolvidos) para que o docente possa realizar esse tipo de proposta.

REFERÊNCIAS

BACICH, Lilian; MOURA, Leandro. **STEAM em sala de aula**: a aprendizagem baseada em projetos integrando conhecimentos na educação básica. Porto Alegre: Penso, 2020.

INSTITUTO Pró-Livro. **Retratos da leitura**: 5ª edição [PDF], 2020. Disponível em: https://www.prolivro.org.br/wp-content/uploads/2020/12/5a_edicao_Retratos_da_Leitura-_IPL_dez2020-compactado.pdf. Acesso em: 12 fev. 2023.

MILTO, Elissa et al. **Novel Engineering**, K-8: an integrated approach to engineering and literacy. Arlington: NSTA Press, 2020.

MARIANA TOMASI MALUF GUERRA
LAURA GONÇALVES LANDI
ORIENTAÇÃO: PROFA. DRA. CRISTIANE CAGNOTO MORI-DE ANGELIS

02. AS BOAS PARCERIAS NO PROCESSO DE REVISÃO NO MOVIMENTO DA ALFABETIZAÇÃO

SÃO PAULO
2025

Mariana Tomasi Maluf Guerra³

Laura Gonçalves Landi⁴

Orientação: Profa. Dra. Cristiane Cagnoto Mori-de Angelis⁵

Palavras-chave: Educação Bi-Multilíngue; Pedagogias Participativas; Educar para Compreensão; Estratégias Educacionais.

INTRODUÇÃO

Este trabalho visa explorar práticas escolares voltadas para o desenvolvimento das estratégias de revisão e reescrita de textos pelos alunos, com ênfase na influência das parcerias possíveis em sala de aula. A pesquisa surge da análise de um relato de prática fundamentadas pelos princípios e ideias de alguns autores, como Vygotsky, Ana Maria Kaufman e Jerome Bruner.

O processo de alfabetização e letramento das crianças ocorre a partir de motivações internas que são ampliadas por interações sociais, formando uma cadeia de significados e resolução de problemas. Nesse contexto, os professores não são meros instrutores de leitura e escrita, mas criadores de condições e facilitadores do aprendizado, promovendo um ambiente onde as crianças possam se tornar leitores e escritores proficientes.

A partir da escrita alfabética, as crianças começam a se inserir nas práticas sociais e culturais que envolvem a língua escrita, o que amplia suas possibilidades de interação. Durante o ciclo de alfabetização, os erros cometidos pelas crianças, como ortográficos e de pontuação, são vistos como parte natural do processo de aprendizagem das convenções da escrita.

3 Graduada em Pedagogia pela USP e especialista em Educação Infantil e Alfabetização pelo Instituto Singularidades. Atua como professora alfabetizadora nos anos iniciais do Ensino Fundamental na Camino School, em São Paulo, desde 2022.

4 Graduada em Letras pela PUC-SP e em Pedagogia pelo Instituto Singularidades. É mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela PUC SP e pós-graduada em Alfabetização e Práticas de Leitura e Escrita pelo Instituto Singularidades. Atua como professora de Educação Infantil na Beacon School desde 2019.

5 Mestra em Linguística pelo IEL/UNICAMP. Fonoaudióloga pela PUC-SP. Foi professora do Departamento de Linguística da PUC-SP durante 23 anos. Atuou na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental como coordenadora de Língua Portuguesa da Escola Lourenço Castanho durante 5 anos. Foi Avaliadora no Programa Nacional dos Livros Didáticos (PNLD/Língua Portuguesa) de 1996 a 2006. Foi consultora, formadora e elaboradora de materiais didáticos do programa Escrevendo o Futuro/ Olimpíada de Língua Portuguesa (MEC, Fundação Itaú Social e CENPEC) de 2012 a 2022, onde coordenou o curso on-line de formação de professores Caminhos da Escrita. Integrou a equipe de redatores da Base Nacional Comum Curricular no componente de Língua Portuguesa. É consultora de Língua Portuguesa para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental nos colégios paulistanos Bandeirantes e Elvira Brandão. É Professora do curso de Pedagogia do Instituto Singularidades desde 2013.

A análise dos erros na escrita pode ser comparada ao processo de aquisição da língua oral. Segundo Lier-DeVitto (1998), os erros e acertos são evidências dos processos de aprendizagem, e a atenção deve estar voltada para a compreensão e correção dos erros, mais do que para a mera correção. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça a importância de desenvolver estratégias de planejamento, revisão e reescrita, considerando o contexto e os fatores envolvidos na produção textual.

O objetivo deste trabalho é discutir e analisar como as práticas escolares podem promover o desenvolvimento dessas estratégias entre os alunos, observando a influência das parcerias em sala de aula. Para embasar a discussão, serão utilizados autores clássicos, como Vygotsky (1987) e Luria (1976), que fornecem uma base teórica sobre a relação social e a aprendizagem cognitiva. Além disso, autores contemporâneos como Maria José Nóbrega (2013), Ana Maria Kaufman (2005) e Arthur Gomes de Moraes (2003) contribuirão para a análise das práticas de produção textual, o conceito de erro e o processo de revisão.

RESULTADOS

A articulação das forças culturais, como linguagem, expectativas, tempo, modelos, oportunidades, rotinas, interações e ambiente, emergiu como fator preponderante no desenvolvimento da oralidade em crianças bilíngues. Os resultados destacam o impacto direto dessas forças na construção do repertório linguístico e cultural das crianças. Estratégias-chave, como o brincar livre e a roda de conversa, surgem como elementos essenciais para ampliar a diversidade linguística e cultural.

Os resultados ressaltam a importância de considerar não apenas os aspectos linguísticos, mas também os fatores culturais, sociais e educacionais no planejamento de ambientes bilíngues. A interconexão entre teorias linguísticas, práticas pedagógicas e a compreensão das forças culturais destaca-se como um elemento crucial para promover um ambiente estimulante que favorece o desenvolvimento linguístico das crianças bilíngues na primeiríssima infância.

DISCUSSÃO TEÓRICA

Esta seção apresenta os fundamentos teóricos que sustentam as práticas de revisão e escrita exploradas no projeto.

De acordo com Vygotsky (1987), o desenvolvimento cognitivo é moldado por interações sociais, nas quais a linguagem desempenha papel central. As parcerias em sala de aula promovem reflexões e fortalecem o pensamento crítico, permitindo que alunos e professores troquem ideias e aprimorem a produção textual.

Quem são nossos parceiros

A colaboração com colegas e a mediação da professora são fundamentais na alfabetização. Nóbrega (2013) ressalta que atividades em duplas ou grupos ajudam a compartilhar experiências e melhorar a escrita. Ferramentas como murais e dicionários reforçam a autonomia e consolidam o aprendizado.

Revisão

Revisar o próprio texto é essencial para a aprendizagem da escrita. Segundo Nóbrega (2013), essa prática estimula a autoavaliação e a autonomia. O trabalho em pares, aliado à leitura em voz alta, facilita a identificação de erros e amplia a consciência fonêmica, como argumenta Soares (2020).

O erro

Erros ortográficos devem ser entendidos como parte do processo de aprendizagem. Kaufman critica abordagens rígidas, enquanto Moraes (2003) sugere um equilíbrio, priorizando habilidades significativas e considerando a ortografia como uma convenção que facilita a comunicação.

Alfabetização em Movimento

O "Currículo em Espiral", de Bruner (1960), propõe revisitar conteúdos em níveis progressivos de complexidade. Pasquier e Dolz destacam que a revisão não deve ser apenas correção, mas uma transformação do texto, adaptando-o às necessidades dos alunos e aprofundando o aprendizado.

CONCLUSÃO

As parcerias foram essenciais no desenvolvimento das habilidades de escrita dos alunos. Baseando-se em Vygotsky (1987), Kaufman (2005) e Bruner (1969), observou-se que a interação social enriquece o desenvolvimento cognitivo e a construção do conhecimento. A colaboração entre alunos e professores promove um ambiente de aprendizagem mútua e reflexão conjunta.

A revisão de textos não deve se limitar à correção ortográfica, mas servir como uma oportunidade para os alunos refletirem sobre suas escolhas linguísticas e aprimorarem suas habilidades. O "Currículo em Espiral", de Bruner (1960), destaca a importância de revisitar conceitos, permitindo uma aprendizagem mais profunda.

As práticas de revisão observadas, como revisões em duplas e uso de recursos visuais, demonstraram ser eficazes para promover a autonomia dos alunos. Esse estudo contribui para a reflexão sobre práticas pedagógicas que valorizam a interação social e a colaboração no ensino da escrita, evidenciando a importância das parcerias na alfabetização.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília: MEC, 1997.

BRUNER, Jerome S. **Uma nova teoria da aprendizagem**. Rio de Janeiro: Bloch Editores S.A., 1969.

DOLZ, Joaquim; PASQUIER, Auguste. **A revisão como atividade de aprendizagem**. Cultura y Educación, 1996.

KAUFMAN, Ana Maria; RODRIGUEZ, Maria Helena. **Escola, leitura e produção de textos**. Porto Alegre: Artmed, 1995.

LURIA, A. R. (1976). **Cognitive development: its cultural and social foundations** (M. Lopez-Morillas & L. Solotoroff, Trad.s). Cambridge: Harvard University. (Original publicado em 1974).

LUIZE, Andréa; TAMBELLI, Andréa Dias; PASSOS, Bárbara Franceli. **Infâncias e escritas: produção de textos na escola**. Lauro de Freitas: Solisluna, 2023.

MORAIS, Artur Gomes. **Ortografia: ensinar e aprender**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

NÓBREGA, Maria José. **Ortografia: como eu ensino**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2013.

SOARES, Magda. **Alfabetizar: toda criança pode aprender a ler e a escrever**. São Paulo: Contexto, 2020.

VYGOTSKY, Lev S. **Pensamento e linguagem**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.



EIXO 2

FORMAÇÃO DE EDUCADORES

ADAN PHELIPE CUNHA
ORIENTAÇÃO: PROFA. MA. NADIA CRISTINA DINI

03. O BILINGUISMO COMO RECURSO EXPRESSIVO: BILINGUISMO PARA CANTAR E ENCANTAR

SÃO PAULO
2025

Adan Phelipe Cunha⁶

Orientação: Profa. Ma. Nadia Cristina Dini⁷

Palavras-chave: Atividades Epilinguísticas; Práticas Translíngues; Representação Cultural; Bilinguismo; Recurso Expressivo.

INTRODUÇÃO

A partir da visão monoglôssica de bilinguismo, muitos pensam, de modo equivocado, que textos tenham que ser produzidos em apenas uma ou outra língua. Ignora-se a possibilidade de conceber o bilinguismo como um potencial recurso expressivo, nos domínios pragmático-discursivos da linguagem, não se valorizando as práticas translíngues aí materializadas. Esta discussão almeja possibilitar à construção de momentos reflexivos e à desconstrução de juízos representativos, que concebem as práticas textuais como edificadas, obrigatoriamente, de modo monolíngue. Consequentemente, tenta-se também desconstruir a própria noção de “bilíngue fracionado” (García, 2009; Grosjean, 2010).

METODOLOGIA

O presente trabalho tem por objetivo central levar ao reconhecimento do bilinguismo não apenas como conceito teórico ou fenômeno linguístico, mas sobretudo como um potencial recurso expressivo, bastante utilizado em músicas. Portanto, com um enfoque epilinguístico, este trabalho almeja sensibilizar para o fato de que diversos textos não são monolíngues, porque são produzidos em situações de contatos interculturais ou por sujeitos bilíngues.

6 Doutorando em Linguística Cognitiva pelo programa de Filologia e Língua Portuguesa (Área de Línguas em Contato), do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo (USP). Investiga o Bilinguismo Eletivo e a Cognição Epistêmica. É membro do Grupo de Pesquisa Linguagem e Cognição (LinC). Mestre em Linguística pelo Departamento de Linguística da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP), trabalhou na área de ‘Historiografia e Epistemologia da Linguística’. É Especialista em Ensino de Língua Inglesa pela Universidade Federal de Minas Gerais (CEI/UFMG). Graduado em Linguística, Português e Inglês (Letras). No Instituto Singularidades, é aluno da Especialização em Metodologias e Práticas para a Educação Bi/Multilíngue. Atua profissionalmente como Especialista Pedagógico em Internacionalização e Educação Bilíngue. Interessa-se por Linguística Cognitiva, Epistemologia da Linguística, Bilinguismo, Educação Bilíngue, Historiografia da Linguística e Internacionalização da Educação Básica.

7 Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual de Campinas (2002), graduação em Pedagogia pelo Claretiano Centro Universitário (2015) e mestrado em Filologia Românica pelo Ludwig-Maximilians-Universität München (2008). Atualmente, é coordenadora e professora de Alemão como Língua Estrangeira no Ensino Fundamental I no Colégio Visconde de Porto Seguro. Tem especialização em Bilinguismo e Educação Bilíngue e atualmente cursa a graduação em Letras - Alemão na USP e o doutorado no programa de pós-graduação em Língua e Literatura Alemã na mesma universidade.

Tais questões são ilustradas por meio da análise de textos multimodais multilíngues (videoclipes do Youtube). Para tanto, foram selecionadas 08 peças musicais que “misturam” diferentes línguas em sua composição, ou seja, materializam musicalmente práticas translíngues. A curadoria de videoclipes foi organizada em uma sequência didática com 10 aulas, divididas em quatro etapas: (1) Contextualização, com 02 aulas; (2) Execução e Apresentação, com 04 aulas; (3) Consolidação, com 03 aulas; (4) Avaliação, com 01 aula.

DISCUSSÃO TEÓRICA

Hall (2016) preconiza que a cultura se relaciona à produção e intercâmbio de sentidos, e “os sentidos são construídos em sociedade e constituem a dimensão humana de nossa convivência, além de evidenciarem a importância do fator simbólico para nossa vida”. Este trabalho permite ao professor tentar romper com a dicotomização “uma língua, uma cultura”, ao mostrar algumas situações em que um mesmo fato cultural é representado por meio de duas línguas, ou seja, a construção e o compartilhamento de significados podem fazer uso de mais de um código quando estes não são vistos como sistemas em competição, a serem isolados.

Sendo a cultura, portanto, “um processo ativo de construção de significados, e com base nessas definições que vivemos nossas vidas” (Maher, 2007a, p. 262), é importante abordarmos, cada vez mais, a discussão acerca da cultura e do multiculturalismo como um processo de reflexão de construção de conhecimento crítico sobre nossa própria vida, e não como apenas o processo de assimilação de diferenças sobre a vida do outro. Nesse sentido, é importante ressoar a afirmação de Silva (2005, p. 88), que retoma que no “currículo multiculturalista crítico, a diferença, mais do que tolerada ou respeitada, é colocada permanentemente em questão”. No final do dia, quanto somos realmente diferentes?

Mesmo que não operemos com noções ingênuas e/ou homogeneizantes das práticas culturais, visto que “a cultura foi durante muito tempo pensada como única e universal” (veiga-neto, 2003, p. 7), cabe lembrar que “a cultura do aluno se manifesta, de forma muito menos tangível, no próprio cotidiano escolar, pois é ela quem lhe fornece orientações sobre quais seriam os modos apropriados de se comportar [...]” (Maher, 2007b, p. 15). As culturas são permeáveis, sincréticas, híbridas, se complementam, se juntam (Maher, 2007a), isto é, são vivas, tal como aqueles que a constroem. A partir deste breve recorte teórico, justificamos o trabalho aqui construído.

CONCLUSÃO

Na perspectiva aqui delineada, foi fundamental utilizarmos um fato aparentemente apenas linguístico – o emprego de línguas diferentes para a composição de uma mesma peça musical – para ilustrar a correspondência entre língua e cultura. Tentamos trabalhar a cultura não sob a perspectiva de “ilustração das diversidades”, como um “catálogo de diferenças”, mas mostrar que tais usos são bastante comuns. Kramsch (1996) afirma que “os professores ensinam língua e cultura, ou cultura na língua, mas não a língua como cultura”, e a perspectiva de trabalho linguístico aqui conduzido tem por meta, justamente, trabalhar língua e cultura de modo intrínseco, rompendo com a visão estrutural/sistêmica de língua como conjunto de estruturas ou funções, por um lado, e, por outro, a cultura como consequência destes, apartada da língua.

Por isso, ao levar em conta o trabalho com enfoque de natureza epilinguística, esta sequência didática almeja sensibilizar os participantes para o fato de que diversos textos não são monolíngues, seja a partir de situações de contatos interculturais, seja por serem produzidos por sujeitos bilíngues. Neste trabalho, tais questões são exemplificadas e discutidas por meio da análise de textos multimodais multilíngues (videoclipes do Youtube), ou seja, que utilizam duas (ou mais) línguas em suas composições. Ao entendemos como recurso expressivo as estratégias que enriquecem um texto elaborado, procuramos sobretudo romper com a visão monoglôssica (ou fragmentada) de bilinguismo, pois retomamos e exemplificamos que os textos não precisam necessariamente ser produzidos em apenas uma ou outra língua. Não ignoramos, desta maneira, a possibilidade de conceber e perceber o bilinguismo como um potencial recurso expressivo, conforme ilustrado com as práticas translíngues contidas nas canções selecionadas.

REFERÊNCIAS

- FRANCHI, C. Criatividade e gramática. In: FRANCHI, C. **Mas o que é mesmo ‘gramática’?**. São Paulo: Parábola, 2006.
- FREIRE, J. R. B. Tradução e interculturalidade: o passarinho, a gaiola e o cesto. **ALEA**, vol. 11, nº 2, jul-dez 2009, p. 321-338.
- GARCIA, M.G.; SISLA, H.C. Atividades epilinguísticas e práticas pedagógicas. **Revista de Educação PUC-Campinas**, v. 25, e204904, 2020. <https://doi.org/10.24220/2318-0870v25e2020a4904>
- GROSJEAN, F.; LI, P. (eds.). **The psycholinguistics of bilingualism**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2013.
- HALL, S. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016.
- KRAMSCH, C. The Cultural Component of Language Teaching. **Zeitschrift für Interkulturellen Fremdsprachenunterricht**. v.1, nº 2, Darmstadt: 1996.
- MAHER, T. M. A Educação do Entorno para a Interculturalidade e o Plurilinguismo. In: KLEIMAN, A. B.; CAVALCANTI, M. C. (Orgs.). **Linguística Aplicada: faces e interfaces**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007a, p. 255-270.
- MAHER, T. M. Do casulo ao movimento: a suspensão das certezas na educação bilíngue e intercultural. In: CAVALCANTI, M. C.; BORTONI-RICARDO, S. M. (Orgs.) **Transculturalidade, linguagem e educação**. Campinas. SP: Mercado de Letras, 2007b. p. 67 – 94.
- ROJO, R. Textos multimodais. In: CEALE/FAE/UFMG. **Glossário CEALE***. Sem ano. Verbete do glossário. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/textos-multimodais>. Acesso em: 18 mar. 2024.
- SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- VEIGA-NETO, A. Cultura, culturas e educação. **Revista Brasileira de Educação** [online], 2003, n. 23, p.05-15.
- WEI, L. **The bilingualism reader**. London; New York: Routledge, 2000.

ANA KRISTINA FABRIS JANKOV
ORIENTAÇÃO: PROF. ME. EDGARD PEREIRA NEVES

04. MÚSICA COMO FERRAMENTA NO DESENVOLVIMENTO DAS FUNÇÕES EXECUTIVAS: UM GUIA PRÁTICO PARA PROFESSORES

SÃO PAULO
2025

Ana Kristina Fabris Jankov⁸

Orientação: Prof. Me. Edgard Pereira Neves⁹

Palavras-chave: Funções Executivas; Música; Material Didático; Atividades Didáticas.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho surge da necessidade de aprofundar a correlação entre a educação musical e o desenvolvimento das funções executivas (FE) em crianças, especialmente nas fases iniciais do Jardim de Infância e do Ensino Fundamental I.

O controle inibitório, a flexibilidade cognitiva e a memória de trabalho são considerados componentes essenciais das funções executivas devido a seus papéis indispensáveis nos processos cognitivos superiores e na regulação do comportamento. Estudos indicam que a educação musical produz efeitos positivos no aprimoramento dessas FE. O envolvimento em práticas musicais promove o refinamento das habilidades executivas, fortalecendo as regiões cerebrais ligadas a essas funções. Além disso, a música cria um ambiente propício para aprimorar a atenção sustentada e seletiva ao mesmo tempo em que promove o desenvolvimento de habilidades de planejamento e organização. Estudos realizados por Bentley et al. (8) e Habibi et al. (5) afirmam as conexões positivas entre o envolvimento musical e o avanço das FE em crianças.

Reconhecendo a escassez de recursos especializados para educadores musicais, este trabalho busca preencher essa lacuna e enriquecer a prática educacional musical, fornecendo uma base teórica sólida sobre a importância das FE na educação musical. Além disso, ele apresenta uma seleção de atividades destinadas a ampliar o crescimento cognitivo e socioemocional dos alunos no âmbito das aulas de música na Educação Infantil e no Ensino Fundamental I.

8 Nascida em Londres e criada na ex-Iugoslávia, vive no Brasil desde 1998. É graduada em Piano pelo Conservatório de Música em Le Mans, França (1998), em Pedagogia pela Universidade Paulista (2015), e possui pós-graduação em Neurociência na Educação pelo Instituto Singularidades (2024). Atuou como professora de piano de 1994 a 2007 e ingressou na educação fundamental em 2007. Desde 2019, é coordenadora do departamento de música na Fundação Anglo-Brasileira em São Paulo (St. Paul's School).

9 Graduado em Ciências Biológicas pelo Instituto Federal de São Paulo (2013) e mestre em Neurociência e Cognição pela Universidade Federal do ABC (2017). Ex-membro do Grupo de Estudo em Neurociência da Linguagem e Cognição (GELC), atuou com pesquisas na área de neurociência da linguagem e neuroeletrofisiologia. Também atuou em atividades de extensão universitária na área de neurociência aplicada à educação e neurociência e música. Desde 2012, atua na educação pública estadual e municipal no ensino de ciências e biologia. É professor convidado no programa de pós-graduação lato sensu de Neurociência na Escola do Instituto Singularidades. Também atua no campo da neurociência aplicada ao campo jurídico e às inovações tecnológicas.

METODOLOGIA

A realização da parte teórica deste trabalho foi baseada em pesquisa de literatura e dos artigos científicos nas seguintes bases de dados: Google acadêmico, SciELO (Scientific Electronic Library online) e PubMed (U.S. national Library of Medicine). Foram selecionados artigos de revisão, artigos originais, livros, capítulos de livros e guias desenvolvidos por várias organizações educacionais. Foi realizada uma revisão sobre funções executivas, educação musical e a intersecção entre os dois. Também foram identificadas as habilidades das funções executivas, especificamente a memória de trabalho, flexibilidade cognitiva e controle inibitório.

Foi desenvolvido um plano de intervenção que integrou atividades voltadas para as funções executivas nas aulas de música. As atividades descritas neste manual foram elaboradas com inspiração em uma exploração abrangente da literatura sobre educação musical, pedagogia geral e artigos científicos, que detalham as vantagens das aulas de música para o desenvolvimento cognitivo e socioemocional do aluno.

DISCUSSÃO TEÓRICA

As FE são o conjunto de processos cognitivos que nos permitem planejar, organizar, resolver problemas, concentrar a atenção, inibir impulsos e definir metas.

- Controle inibitório envolve a capacidade de suprimir ou inibir respostas, impulsos ou comportamentos automáticos para atingir uma meta ou para se adaptar adequadamente a uma situação.
- A memória de trabalho funciona por um curto período enquanto uma tarefa está sendo executada. A função é reter temporariamente informações auditivas, escritas ou visuais na mente, permitindo que os indivíduos as manipulem e processem para formular ideias, declarações ou resultados.

- Flexibilidade cognitiva é a capacidade de adaptar o pensamento, as estratégias e os comportamentos em resposta a circunstâncias variáveis, novas informações ou diferentes demandas de tarefas.

À medida que o cenário educacional evolui com os avanços da tecnologia e das abordagens pedagógicas, fica cada vez mais evidente que as FE desempenham um papel fundamental na formação das experiências e sucesso acadêmico dos alunos. Dadas as demandas multifacetadas da educação moderna, entender as FE é fundamental para adaptar estratégias eficazes para aprimorar os resultados da aprendizagem dos alunos.

Um conjunto cada vez maior de evidências indica que o treinamento musical resulta em melhorias consistentes em matemática, habilidades espaço-temporais e linguísticas e inteligência geral.

É importante observar que, embora a música possa ser uma ferramenta valiosa para o desenvolvimento das FE, ela deve ser complementada com instruções explícitas e práticas direcionadas. A integração destas atividades pode fornecer um ambiente rico e envolvente para o desenvolvimento cognitivo das crianças.

Exemplo de uma atividade desenvolvida:

O canto bagunçado:

- Ensinar uma melodia, por exemplo “Cai, cai balão”.
- Instruir os alunos a cantarem a melodia usando diferentes sílabas em vez da letra tradicional.
- Dividir a turma em dois grupos e escolher uma palavra de duas sílabas que os alunos cantarão.
- Cada grupo cantar uma sílaba (por exemplo sílabas “me” e “sa”) simultaneamente. Juntos, eles cantam a palavra mesa.
- Pedir para que um aluno saia da sala enquanto os grupos decidem qual palavra irão usar para cantar.
- O aluno retorna à classe e tenta adivinhar qual palavra a turma está cantando.

CONCLUSÃO

Podemos concluir que as pesquisas sugerem que o treinamento musical oferece benefícios notáveis para as funções executivas. Todo professor de música deve priorizar a incorporação de atividades que promovam o desenvolvimento das funções executivas em seu ensino diário. Ao fazer isso, eles capacitam seus alunos com habilidades cognitivas, sociais e emocionais essenciais que vão muito além do domínio da música. Essas atividades cultivam o controle da atenção, a memória de trabalho, a flexibilidade cognitiva e as habilidades de resolução de problemas. Além disso, essas habilidades são transferíveis, enriquecendo a capacidade dos alunos de gerenciar desafios, adaptar-se a novas situações e comunicar-se com eficiência. Ao se envolverem nessas tarefas, os alunos não apenas aprimoram sua proficiência musical, mas também constroem uma base sólida para o sucesso acadêmico geral e o crescimento pessoal.

REFERÊNCIAS

- ADIAMOND, Adele. **Executive functions**. Annual review of psychology, v. 64, p. 135-168, 2013.
- LEVINE, Mel. Educação individualizada. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- HABIBI, Assal et al. **Music training and child development**: A review of recent findings from a longitudinal study. Annals of the New York Academy of Sciences, v. 1423, n. 1, p. 73-81, 2018.
- HERCULANO-HOUZEL, Suzana. **O cérebro nosso de cada dia**. 2015.
- HUGHES, Claire; GRAHAM, Andrew. **Measuring executive functions in childhood**: Problems and solutions? Child and adolescent mental health, v. 7, n. 3, p. 131-142, 2002.
- MELTZER, Lynn. **Promoting executive function in the classroom**. Guilford Press, 2010.
- TRAINOR, Laurel J.; CORRIGALL, Kathleen A. **Music acquisition and effects of musical experience**. Music perception, p. 89-127, 2010.
- ZARYAHU, Libby; ADI-JAPHA, Esther. **“MusiMath”-a music-based intervention program for learning patterns and symmetry**. The Journal of Experimental Education, v. 90, n. 2, p. 319-343, 2022.

BEATRIZ VENTURINELLI SANTOS
ORIENTAÇÃO: PROFA. DRA. ANGELA DI PAOLO MOTA

05. SONO E RITMO: AS POSSÍVEIS INTERFERÊNCIAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM

SÃO PAULO
2025

Beatriz Venturinelli Santos¹⁰

Orientação: Profa. Dra. Angela Di Paolo Mota¹¹

Palavras-chave: Neurociência Antroposofia Sono; Ritmo.

INTRODUÇÃO

O artigo buscou promover um diálogo entre as contribuições da Neurociência e da Antroposofia em relação ao ritmo e ao sono no processo de aprendizagem, mostrando a importância da rotina dentro do desenvolvimento do ser humano, como isso está relacionado com o sono e o que acontece ao dormir, sob a perspectiva dessas duas áreas.

METODOLOGIA

O trabalho foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica, baseada nos autores Steiner (2013, 2017), Lanz (1997), Lievegoed (2007), Relvas (2022), Bear (2017).

RESULTADOS PRELIMINARES

A Antroposofia foi fundada por Rudolf Steiner, que considerava o homem uma síntese do universo. Sendo assim, a Antroposofia – uma ciência espiritual – busca responder às perguntas mais profundas do ser humano por meio da razão, sem negar os anseios espirituais.

A Antroposofia é ciência! Mas é uma ciência que ultrapassa os limites com os quais até agora esbarrou a ciência “comum”.
(Lanz, 1997, p.16).

A Neurociência é, segundo Relvas (2022), uma ciência nova, que trata do desenvolvimento químico, estrutural, funcional e patológico do sistema nervoso.

Sendo um campo científico multidisciplinar, tem como função coordenar atividades voluntárias e involuntárias do corpo humano.

¹⁰ Professora e mentora educacional. Graduada em Letras (PUC-SP), com especialização em Língua Portuguesa; pós-graduada em Metodologias Ativas de Aprendizagem (Instituto Singularidades), mestranda em Intervenção Psicológica no Desenvolvimento e na Educação (FUNIBER) e pós-graduada em Psicopedagogia Clínica e Institucional (Instituto Sedes Sapientiae).

¹¹ Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo, Brasil (2015) Professora do Instituto Superior de Educação de São Paulo, Brasil.

Segundo Bear (2017), não há uma teoria única para a função do sono, mas são razoáveis as ideias de restauração e adaptação. É principalmente durante o sono que as sinapses ocorrem, é como se uma faxina fosse realizada durante o sono; assim, o cérebro vai “escolher” com quais aprendizados ficará e quais não são mais úteis e poderão ser dispensados. Ou seja, o sono se faz fundamental para o processo de novos aprendizados, além da manutenção e transformação de outros já existentes.

Na perspectiva antroposófica, a importância do adormecer e do despertar é tão significativa que é vista como um portal. A cada noite, a alma entra no mundo espiritual e volta na manhã seguinte. Assim, também se faz fundamental a maneira que as crianças são preparadas para adormecer. Segundo Steiner (2013), o que o ser humano realiza durante o estado de vigília é constantemente levado para o estado de sono.

O ritmo está presente em tudo que possui vida. No organismo do animal e humano há ritmo em sua estrutura, há ritmo nos processos orgânicos: dia e noite, as quatro estações. Segundo Heydebrand (2014), a criança precisa de ritmos e os exige, quanto mais rítmica a vida da criança, mais perfeita será sua saúde. Expirar e inspirar equilibrados. Steiner (2014) diz que “tudo que a vontade do ser humano transforma em atividade cria um tipo de processo de combustão no organismo” e é no sono que esse processo será compensado, propagando-o por todo o organismo.

Uma das consequências mais imediatas de não dormir é o prejuízo nas funções cognitivas. O ser humano pode até passar algumas horas deitado, sem dormir, mas isso apenas recuperará o corpo físico, mas não a mente; o sono é fundamental para o cérebro.

RESULTADO

No processo de pesquisa, foi perceptível como o ritmo e o sono são elementos fundamentais a serem considerados por docentes, psicopedagogos, famílias e/ou responsáveis. Compreender a importância de um ritmo e sono saudáveis e como esses aspectos estão organizados em determinado sujeito pode muito contribuir para entender possíveis dificuldades no processo de aprendizagem.

O tema está longe de ser esgotado, uma vez que é possível fazer inúmeros desdobramentos tanto sob a perspectiva antroposófica quanto da neurociência. Antroposofia e Neurociência conversam de forma congruente em relação à importância do ritmo e do sono no processo de desenvolvimento do ser humano e, consequentemente, no processo de aprendizagem e de um crescimento saudável. Mesmo que na bibliografia sejam encontrados termos diferentes, os caminhos se cruzam e chegam ao denominador comum de que haverá prejuízos (a curto, médio e longo prazo) se o indivíduo não tiver um processo saudável na rotina, em estado de vigília e durante o sono.

CONCLUSÃO

A partir da compreensão de como o sono e a rotina são fundamentais no processo de aprendizagem, é possível também entender possíveis interferências nesse processo. A falta de ritmo no momento de vigília, a falta de um ritual sadio para ir dormir e, conseqüentemente, uma noite mal-dormida resultarão em prejuízos. A curto prazo, pode-se observar irritabilidade, cansaço, desânimo, falha na memória; já em médio/longo prazo, doenças como ansiedade, depressão, obesidade, entre outras coisas.

Assim, uma observação cautelosa e o diálogo aberto entre escola, família e psicopedagogo é muito significativo para avaliação e intervenção do sujeito. Talvez as respostas às muitas perguntas possam vir de uma boa noite de sono.

REFERÊNCIAS

BEAR, Mark F.; CONNORS, Barry W.; PARADISO, Michael A. Tradução de Carla Dalmaz, et al. **Neurociências: desvendando o sistema nervoso**. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

HEYDEBRAND, Caroline von. **A natureza anímica da criança**. Tradução de Rudolf Lanz. 6 ed. São Paulo: Antroposófica, 2014.

LANZ, Rudolf. **Noções Básicas de Antroposofia**. 4 ed. São Paulo: Antroposófica, 1997.

RELVAS, Marta Pires. **Neurociência e transtornos de aprendizagens: as múltiplas eficiências para uma Educação Inclusiva**. 7ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2022.

STEINER, Rudolf. **A arte de educar: baseada na compreensão do ser humano**. Tradução de Maria do Carmo Sousa Filardo Lauretti. 2 ed. São Paulo: Antroposófica: Federação das Escolas Waldorf no Brasil, 2013.

STEINER, Rudolf. **A cultura atual e a Educação Waldorf**. Tradução de Eleonore Pollklaesner, Sergio Correa, Jacira Cardoso. São Paulo: Antroposófica, 2014.

CLEIRI LIMA SABINO
ORIENTADORA: PROFA. MA. RENATA TREFIGLIO MENDES GOMES

06. UM DIÁLOGO SOBRE EMOÇÃO E APRENDIZADO NA ESCOLA

SÃO PAULO
2025

Cleiri Lima Sabino¹²

Orientadora: Profa. Ma. Renata Trefiglio Mendes Gomes¹³

Palavras-chave: Aprendizagem; Educação; Emoção; Relações.

INTRODUÇÃO

Este conteúdo visa apresentar aos educadores informações relevantes sobre o impacto das emoções no processo de aprendizado e emoção, a fim de que consigam compartilhar tais informações com as famílias, de modo que todos possam contribuir positivamente com o processo de aprendizagem dos alunos.

METODOLOGIA

Reunião expositiva para educadores gerada a partir do levantamento bibliográfico com base em materiais já elaborados, oriundos da base de dados Scielo, PubMed e pesquisas por meio de pesquisa no Google Scholar; selecionei apenas artigos científicos, além de acompanhar a realidade existente em curso de reforço.

RESULTADO

Apresentar como as emoções influenciam na aprendizagem e como é possível melhorar o processo de aprendizado dos alunos tendo a boa relação e atuação da tríade família-aluno-escola, além de apresentar de forma breve uma ferramenta de agenda onde as famílias possam se organizar para acompanhar mais de perto o avanço e as dificuldades dos alunos.

DISCUSSÃO TEÓRICA

A partir da defasagem do rendimento escolar dos alunos, apresentar explicações científicas sobre o impacto das emoções no processo de aprendizagem, considerando principalmente a relação família-aluno-escola.

¹² Felínio Freitas é mediador de leitura, mestre em Artes pelo IA/UNESP e é especialista em Gestão Cultural Contemporânea: da Ampliação do Repertório Poético à Construção de Equipes Colaborativas pelo Instituto Singularidade/Itaú Cultural.

¹³ Possui graduação em Administração pela Faculdade de Ciências Aplicadas e Sociais de Petrolina (2010), especialização em Dança pela Faculdade Angel Vianna (2012), mestrado em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB (2019) e doutorando em Dança pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Tem experiência na área de Administração, com ênfase em Gestão Cultural. Produtor e Diretor da Qualquer um dos 2 Cia de Dança. Professor de Dança e Gerente do Sesc Petrolina.

CONCLUSÃO

Apresentar algumas ações possíveis para que os educadores tenham argumentos efetivos para orientarem os pais sobre a importância de acompanharem o desenvolvimento de seus filhos para que tenham sucesso escolar.

REFERÊNCIAS

COSENZA, Ramon M.; GUERRA, Leonor B. **Neurociência e Educação: Como o Cérebro Aprende**. Artmed: Porto Alegre, 2011.

GOLEMAN, Daniel. Inteligência Emocional: **A teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

LENT, Roberto. **O cérebro aprendiz: Neuroplasticidade e Educação**. Atheneu; Rio de Janeiro. 1 ed., 2019.

LENT, Roberto. **Neurociência da mente e do comportamento**. Guanabara Koogan; Rio de Janeiro. 2008.

OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista de; Araujo, Claisy Maria Marinho. **A relação família-escola: intersecções e desafios**. São Paulo: Campinas, 2010.

OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista de. **Psicologia escolar e a relação família-escola no ensino médio**. 2007. Tese (Doutorado) - 2007. Disponível em: http://bdtd.bce.unb.br/tesesimplificado/tde_busca/arquivo.php?odarquivo=2673. Acesso em: 11 ago. 2022.

Osti, Andréia, e Elvira Cristina Martins Tassoni. AFETIVIDADE PERCEBIDA E SENTIDA: REPRESENTAÇÕES DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL. **Cadernos de Pesquisa**, vol. 49, no 174, dezembro de 2019, p. 204–20. DOI.org (Crossref), <https://doi.org/10.1590/198053146575>.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. **A dinâmica interativa na sala de aula: As manifestações afetivas no processo de escolarização**, 2008. Tese (Doutorado em Educação) – 2008:– Universidade Estadual Paulista, Campinas, 2008.

FLÁVIA MAGALHÃES ROVERI
ORIENTAÇÃO: PROFA. MA. ADRIESSA APARECIDA DOS SANTOS

07. NEUROCIÊNCIA E EDUCAÇÃO: PERSPECTIVAS PARA A ALFABETIZAÇÃO E A PRÁTICA DOCENTE

SÃO PAULO
2025

Flávia Magalhães Roveri¹⁴

Orientação: Profa. Ma. Adriessa Aparecida dos Santos¹⁵

Palavras-chave: Projeto de Vida; Desenvolvimento Profissional; Formação Integral; Transformação Social.

INTRODUÇÃO

Com os avanços da neurociência e o desenvolvimento de pesquisas relacionadas à educação, autores como Cosenza e Guerra (2011) e Dehaene (2021) nos trazem a importância de estabelecermos diálogos entre a neurociência e o processo de aprendizagem, de forma a integrá-los em benefício dos estudantes. Entretanto, no cenário formativo do professor no contexto brasileiro, essas possibilidades estão restritas apenas aos que buscam especializações mais específicas na área, como os cursos de pós-graduação em neurociência.

É neste contexto que o objetivo do artigo criado ao final do curso foi o de estabelecer diálogos possíveis entre as propostas de alfabetização de Emilia Ferreiro e o que a neurociência nos apresenta sobre essa temática. Além disso, também buscamos propor diálogos entre a neurociência e a educação, de maneira mais ampla, pensando nas contribuições que os conhecimentos neurocientíficos podem trazer especialmente para o professor alfabetizador.

14 Especialista em Educação Bilíngue e Neurociência na Escola pelo Instituto Singularidades. Gradada em Letras pela Universidade de São Paulo e em Pedagogia pela Universidade Anhembí Morumbi. Apaixonada pela educação, atualmente atua no Ensino Fundamental Anos Iniciais em uma escola bilíngue de São Paulo.

15 Doutoranda em Educação e mestre em Ciências. Possui um MBA em Gestão Escolar e é especialista em Neurociência e Educação, Metodologias Ativas e Inclusão Escolar e Diversidade (em andamento). É bióloga e pedagoga. Coordena a pós-graduação de Neurociência na Escola do Instituto Singularidades, onde também atua como docente. Sua bagagem também abrange gestão escolar e experiência como professora na educação básica. Atualmente, é coordenadora de um núcleo de Suporte em Aprendizagem, desenvolvendo Planos de Desenvolvimento Individual para estudantes e formando docentes em práticas inclusivas. Além disso, desempenha o papel de editora da Revista E-curriculum da PUC-SP. Desde a sua formação inicial, Biologia, interessa-se pela pesquisa, foi nessa época que foi apresentada à docência e, desde então, não parou mais, seja como professora ou como pesquisadora dessas duas áreas: Neurociência e Educação. Por acreditar no potencial de diálogo entre essas disciplinas, organizou e coordena esse curso e convida você para fazer parte.

METODOLOGIA

O artigo apresentou uma revisão bibliográfica sobre temas relacionados à neurociência e alfabetização que foram essenciais para o estabelecimento deste diálogo: os marcos do desenvolvimento infantil; etapas do desenvolvimento da criança segundo Piaget; perspectivas de alfabetização segundo Emilia Ferreiro; e a perspectiva da neurociência para a alfabetização, especialmente através de Dehaene em seu livro Neurônios da leitura.

RESULTADO E DISCUSSÃO TEÓRICA

Louzada e Louzada (2023) são autores que discutem sobre como a educação e a neurociência podem estabelecer conexões e nos chamam a atenção para o fato de que não devemos observar as descobertas neurocientíficas como generalizações.

Os autores propõem a construção de pontes entre a neurociência e a educação, sendo a mais relevante para o artigo a ponte diagnóstica, através da qual o mapeamento acerca do funcionamento do cérebro pode contribuir para o profissional da educação compreender como o aluno aprende e, assim, pensar em estratégias capazes de promover “maiores mudanças no funcionamento cerebral” (Louzada e Louzada, 2023, p. 54), buscando garantir a aprendizagem.

Um diálogo possível que busca construir novas pontes apresentado neste trabalho é o estabelecimento de paralelos entre o que nos propõem Ferreiro e Teberosky (1999) e Ferreiro (2011) a respeito da alfabetização e as vias de leitura de Dehaene (2012) permeando o conceito de alfabetizar letrando proposto por Soares (2016), uma vez que os autores apresentam uma visão comum sobre a importância dos estímulos externos e a garantia de que a alfabetização não se inicia somente no momento em que a criança é inserida no ambiente escolar.

CONCLUSÃO

Percebemos então como é possível traçar paralelos e aproximações quando nos propomos a observar e interpretar as interligações da neurociência com a educação, tendo por base conhecimentos da psicologia cognitiva, aproximando autores como Stanislas Dehaene, Emilia Ferreiro, Jean Piaget e Magda Soares, muitas vezes rivalizados, a partir de uma revisão bibliográfica sobre as diferentes perspectivas da neurociência e da educação.

Nesse sentido, nem Dehaene nem Ferreiro traçam um método de alfabetização. Mas, antes, entrelaçam-se em visões complementares sobre o processo de aprendizagem e como o conhecimento sobre o funcionamento do cérebro são essenciais para o professor alfabetizador buscar as melhores estratégias para o desenvolvimento do aprendiz, comprovando o objetivo do artigo de demonstrar como a neurociência pode dialogar e contribuir com a educação: ser mais uma ferramenta para as práticas diárias do professor.

REFERÊNCIAS

COSENZA, Ramon M.; GUERRA, Leonor B. **Neurociência e educação**: como o cérebro aprende. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DEHAENE, Stanislas. **Os neurônios da leitura**. Porto Alegre: Penso, 2012.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FERREIRO, Emilia; **Reflexões sobre alfabetização**. 26. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LOUZADA, Fernando; LOUZADA-MORENO, Luca. Qual o lugar das neurociências na educação? **Revista Estudos Culturais**, n.8, p. 49-60, 2023. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/375046878_Qual_o_lugar_das_neurociencias_na_educacao. Acesso em 15 mar. 2024.

SOARES, Magda. **Alfabetização**: a questão dos métodos. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

EDSON LUIZ BARBOSA DOS SANTOS
LAÍS DE SOUZA PONTES
ORIENTAÇÃO: PROFA. DRA. ANTONIETA MEGALE

08. PLANEJAMENTO INTEGRADO DE CONTEÚDO E LÍNGUA: A COMPLEXIDADE DO PLANEJAMENTO SIGNIFICATIVO PARA CRIANÇAS DE 3 ANOS

SÃO PAULO
2025

Edson Luiz Barbosa dos Santos¹⁶

Laís de Souza Pontes¹⁷

Orientação: : Profa. Dra. Antonieta Megale¹⁸

Palavras-chave: Formação de Professores; Planejamento; Instrumentos Metodológicos.

INTRODUÇÃO

A educação bilíngue na primeira infância requer um planejamento que integre conteúdo e desenvolvimento linguístico de forma holística, promovendo tanto a aprendizagem cognitiva quanto a formação da identidade cultural dos estudantes. Neste contexto, a formação de educadores se torna essencial, pois são eles os mediadores que facilitam o desenvolvimento dessas competências nos estudantes. Este trabalho apresenta uma sequência didática integrada à metodologia CLIL (Content and Language Integrated Learning), com foco na língua inglesa, aplicada a crianças de 3 a 4 anos em uma escola particular em São Paulo. A proposta deste estudo esteve centrada na valorização da diversidade cultural e na construção da identidade, com ênfase na preparação dos educadores para atuar nesse cenário desafiador.

¹⁶ Formado em Tradução e Interpretação pela Universidade São Judas Tadeu, com licenciatura em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho. Possui pós-graduações em Educação Bilíngue pela Faculdade Cultura Inglesa e em Educação a Distância pela UNIP. Com vasta experiência na área educacional, atua como especialista em ambiente bilíngue e examinador de Cambridge, com foco no desenvolvimento de currículos que integram metodologias ativas para promover a aquisição bilíngue em ambientes K-12. Sua vivência internacional, aliada a uma constante busca por inovação pedagógica, permite-lhe contribuir significativamente para a formação e aprimoramento de educadores e estudantes em contextos bilíngues.

¹⁷ Formada em Pedagogia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, com habilitações em Gestão Escolar e Deficiência Intelectual. Com vivência internacional, aprofundou-se em instituições como Massachusetts Bay Community College, Harvard University (Social and Cultural Anthropology for Second Language), Harvard School of Education (Project Zero / Making Thinking Visible e Maker-Centered Learning), Stanford University (How to Learn Math e Mathematical Mindsets) e no Centro Internazionale Loris Malaguzzi, em Reggio Emilia, na Itália, onde participou de grupos de estudos. Com 19 anos de experiência como professora, atualmente atua como coordenadora de formação. É pesquisadora das pedagogias participativas em contextos bilíngues, com foco em projetos para a educação infantil, especialmente para a primeiríssima infância. Busca sempre novas formas de aprender e descobrir na relação com crianças e adultos, adotando uma abordagem inovadora e integral.

¹⁸ outora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas, Brasil (2017). Professora Colaboradora da Universidade Federal de São Paulo, Brasil.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada baseou-se na abordagem CLIL, que promove o aprendizado simultâneo de conteúdos curriculares e desenvolvimento linguístico. A formação de educadores envolveu workshops práticos e teóricos, onde foram exploradas estratégias de ensino que conciliam o desenvolvimento das competências linguísticas (BICS e CALP) com os conteúdos curriculares. A sequência didática criada a partir das formações realizadas incluiu atividades que engajam as crianças em experiências de aprendizagem significativas, como brincadeiras tradicionais, exploração do corpo e construção de repertório literário, sempre conectando a língua ao contexto social e cultural dos estudantes.

RESULTADOS

A aplicação da sequência didática com o intuito de promover a reflexão acerca do planejamento integrado da língua revelou a necessidade de educadores em termos de formação para lidar com a heterogeneidade linguística e cultural do grupo. As crianças, com diferentes contextos linguísticos e culturais, responderam de maneira variada às propostas, exigindo uma adaptação constante por parte dos educadores. A formação continuada mostrou-se crucial para que os educadores pudessem ajustar as práticas pedagógicas às necessidades emergentes, favorecendo o desenvolvimento integral das crianças e a construção de um ambiente inclusivo.

DISCUSSÃO TEÓRICA

A literatura estudada corrobora para o entendimento de que o sucesso da educação bilíngue está intimamente ligado à formação dos educadores, que precisam dominar tanto as teorias linguísticas quanto as metodologias práticas. A abordagem CLIL, ao integrar língua e conteúdo, oferece uma oportunidade rica para o desenvolvimento de habilidades cognitivas e linguísticas, mas exige dos educadores uma compreensão profunda das dinâmicas de sala de aula bilíngue, sobretudo no que concerne à educação para crianças de zero a três anos. A formação contínua, baseada em reflexões sobre a prática e no desenvolvimento de estratégias pedagógicas, foi fundamental para que os educadores pudessem apoiar efetivamente o desenvolvimento dos estudantes.

CONCLUSÃO

O planejamento integrado de conteúdo e língua representou uma estratégia eficaz para promover a aprendizagem bilíngue na primeira infância, mas seu sucesso depende diretamente da formação dos educadores. A capacitação contínua permite que os educadores se adaptem às demandas diversas e dinâmicas de um ambiente multicultural e multilíngue, garantindo que todos os estudantes tenham a oportunidade de desenvolver plenamente suas competências linguísticas e cognitivas.

Em um mundo educacional cada vez mais dinâmico, o papel do educador neste contexto reflexivo foi muito além da transmissão de conhecimento. Ele envolveu uma reflexão profunda sobre como construímos o planejamento pedagógico e como esse processo é essencialmente coletivo. A formação de educadores deve despertar para a importância de um planejamento mais coerente e articulado, que integre diferentes perspectivas e interesses, garantindo uma prática pedagógica rica e significativa, respondendo a perguntas como:

Por quê? Repensar o planejamento nos permite alinhar nossas ações às necessidades e contextos dos estudantes, assegurando que cada escolha pedagógica seja intencional e fundamentada.

Para quê? O objetivo é promover uma prática pedagógica que seja verdadeiramente colaborativa e que reflita a diversidade de interesses presentes em sala de aula, criando um ambiente de aprendizagem inclusivo e engajador.

Onde? A reflexão sobre o planejamento deve considerar todos os espaços educacionais, tanto físicos quanto virtuais, reconhecendo que o ambiente de aprendizagem é ampliado pela tecnologia e pelas novas metodologias de ensino.

Como? A dinâmica de planejamento deve ser participativa, envolvendo toda a equipe pedagógica em discussões e decisões que fortaleçam a coesão e a clareza do processo educativo.

Com quê? Os materiais utilizados precisam ser selecionados com base em critérios que considerem a adequação ao conteúdo, à faixa etária dos estudantes e à intencionalidade das atividades propostas.

O quê? Os conteúdos a serem trabalhados devem ser cuidadosamente escolhidos e articulados, visando um desenvolvimento holístico e conectado à realidade dos estudantes.

Quando? O planejamento deve considerar o tempo de cada etapa do processo educativo, permitindo uma progressão lógica e bem estruturada das atividades.

Com quem? O trabalho em equipe é fundamental para que o planejamento seja realmente eficaz. A colaboração entre os diferentes membros da equipe pedagógica é a chave para um planejamento que atenda aos objetivos

educacionais de forma integrada e coesa.

Esse processo formativo, que valorizou constantemente a diversidade e promoveu a identidade cultural, foi essencial para a construção de uma prática pedagógica significativa e inclusiva.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Moreira, Antônio Flávio. **Indagações sobre currículo: currículo, conhecimento e cultura.** Organização do documento: Jeanete Beauchamp, Sandra Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Universidade de Barcelona, Espanha. Tradução de João Wanderley Geraldi. Universidade Estadual de Campinas, Departamento de Linguística. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

CANDAU, V. M. (Org.). **Educação intercultural e cotidiano escolar.** Petrópolis: Vozes, 2006.

CUMMINS, Jim. **Bilingualism and Minority Language Children.** Ontario: Ontario Institute for Studies in Education, 1981.

DAVID, Ricardo Santos. PROFESSOR QUANTO MAIS CEDO É MELHOR? O PAPEL DIFERENCIAL DA EDUCAÇÃO BILÍNGUE. **Revista X**, Curitiba, v. 12, n. 3, p.178-193, 2017.

FLORY, Elizabete Villibor. **Influências do bilingüismo precoce sobre o desenvolvimento infantil: uma leitura a partir da teoria da equilíbrio de Jean Piaget.** Orientadora: Maria Thereza Costa Coelho de Souza. -- São Paulo, 2008. 460. Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

FOCHI, Paulo. **Afinal, o que os Bebês Fazem no Berçário?:** Comunicação, Autonomia e Saber-Fazer de Bebês em um Contexto de Vida Coletiva. Penso; 1ª edição, 2015.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Cortez, 2011.

GARCIA, Ofelia. **Bilingual Education in the 21st Century: A Global Perspective.** Malden, MA and Oxford: Brasil-Blackwell, 2009.

GARCÍA, Ofelia. YIP, Joanna. **Translinguagens: recomendações para educadores.** The Graduate Center, City University of New York (CUNY)., 2017. Disponível em: <https://ofeliagarciadotorg.files.wordpress.com/2018/02/yip-garcia.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2021.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016. 260 p.

HYMES, D. H. On Communicative Competence. In: BRUMFIT, C. J. & JOHNSON, K. **The Communicative Approach to Language Teaching**. Oxford: Oxford University Press, 1979. Postscript. Kp: Applied Linguistics, 10 (2), 1989. p. 244-250.

IZQUIERDO, I. **Memória**. 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

KRASHEN, Stephen D. **Principles and practice in second language acquisition**. New York: Pergamon Institute of English, 1982.

LERNER, Délia. **Ler e Escrever na Escola**: O Real, o Possível e o Necessário. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LIGHTBOWN, Patsy. SPADA, Nina. **How Languages Are Learned 4e**. Oxford: Oxford Handbooks for Language Teachers 2013,

MAHER, T. M. A educação do entorno para a interculturalidade e o plurilinguismo. In: KLEIMAN, A. B.; CAVALCANTI, M. C. (Org.). **Linguística aplicada**: faces e interfaces. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007. p. 255-270.

MEGALE, Antonieta (ORG) **Educação bilíngue no Brasil**. São Paulo: Fundação Santillana, 2019. Disponível emL <https://en.calameo.com/books/00289932736762aea40f4> Acesso em: 22 jul. 2021.

NÓBREGA, Maria José. **Eixos para o trabalho com a alfabetização**. Disponível em: <https://docs.google.com/document/d/1JxmHssw1lxD2wgWqz1uZ5eYpNEVxHilOCOUpPzKa5C8/edit?tab=t.0>. Acesso em: 9 dez. 2024.

PENNYCOOK, A. **The cultural politics of English as an International Language**. London: Longman, 1994.

RINALDI, Carla. **Diálogos com Reggio Emilia**: Escutar, investigar e aprender. Paz & Terra; 13ª edição. 2012.

SOARES, Magda. **Alfabetrar**: Toda criança pode aprender a ler e a escrever. 1ª edição. São Paulo. Contexto, 2020.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

THAIS BATISTA SIQUEIRA
ORIENTAÇÃO: PROFA. DRA. ANITA LILIAN ZUPPO ABED

09. A RELAÇÃO DE PROFESSORAS DE ANOS INICIAIS COM A MATEMÁTICA: A TRIANGULAÇÃO ENSINANTE, APRENDENTE E OBJETO DO CONHECIMENTO

SÃO PAULO
2025

Thais Batista Siqueira¹⁹

Orientação: Profa. Dra. Anita Lilian Zuppo Abed²⁰

Palavras-chave: Ensino de Matemática; Anos Iniciais; Psicopedagogia; Processo Ensino-Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Em 2022, pude acompanhar o comportamento de uma turma de pré-vestibulandos em relação à matemática. Diante da percepção de suas dificuldades, boa parte dos estudantes apresentou crises de ansiedade ou outros problemas físicos que provocavam sua ausência momentânea das aulas. Estudos realizados nas últimas décadas nomeiam experiências como essas de ansiedade matemática, “uma resposta negativa perante situações que envolvam a matemática e que modificam o estado cognitivo, fisiológico e comportamental do estudante” (Carmo & Siminoato, 2012 apud Campos, 2022, p. 218; Mendes & Carmo, 2014 apud Campos, 2022, p. 218). Esta resposta negativa relacionada à matemática também é percebida entre professoras.

Este trabalho busca, então, investigar a relação de um grupo de professoras de Ensino Fundamental – Anos Iniciais (1º a 5º ano) de uma escola municipal na zona sul de São Paulo com a matemática, suas crenças e os sentimentos que o ensino desta disciplina acoberta, pois nem sempre são explicitados, e desperta. Para atingir tais objetivos, trazemos pesquisas relacionadas à ansiedade matemática (campos, 2022; frança & dorneles, 2021), sobre a formação em cursos de Pedagogia e a relação de professoras pedagogas com a matemática (lerner, 1995; nacarato; Silva; Passos, 2009; Oliveira, 2011; Curi, 2006 E 2020; Szymanski & Martins, 2017), amarrando com a teoria psicopedagógica da argentina Alicia Fernández (1991) sobre a triangulação existente entre ensinante, aprendente e objetos do conhecimento.

METODOLOGIA

Dadas as características do objeto de estudo proposto – compreender a relação de professoras dos anos iniciais de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental com a matemática –, optou-se por uma pesquisa de abordagem qualitativa. Para Godoy (1995, p. 21), a pesquisa qualitativa ocupa “um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes”. Dentre os diferentes caminhos possíveis, escolheu-se o estudo de caso, caracterizado “como um tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente” (Godoy, 1995, p. 25).

A pesquisa qualitativa, com realização de grupo focal semidirigido, foi realizada na escola na qual atuava como coordenadora pedagógica. As referências acima mencionadas subsidiaram a análise dessas conversas, realizadas com um grupo de 11 professoras em novembro de 2023. As conversas estabelecidas durante os encontros foram transcritas nas seguintes categorias de análise, vislumbradas a partir de um primeiro esforço de organização dos dados. Por meio da transcrição, buscamos observar criticamente as experiências de triangulação por elas vividas com seus ensinantes e os objetos de conhecimento matemáticos.

19 Coordenadora pedagógica na rede municipal de ensino de São Paulo, rede na qual atua desde 2010. É mestre em Educação pela Unicamp e pós-graduada em Psicopedagogia pelo Instituto Singularidades.

20 Doutora em Educação e Saúde (UNIFESP), Mestre em Psicologia (UNIMARCO), Especialista em Neuroeducação (CEFAC), Psicóloga (USP), Psicopedagoga (PUC). Consultora da UNESCO sobre o desenvolvimento das habilidades socioemocionais na Educação Básica. Mais de 30 anos de atuação como psicopedagoga institucional, psicoterapeuta e psicopedagoga clínica, e como docente em cursos de Pós-graduação em Psicopedagogia, atualmente com foco na Educação Matemática e no uso de recursos lúdicos para integrar, na prática pedagógica, a construção do conhecimento e a formação da pessoa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO TEÓRICA

Em *A matemática na escola* (1995), Delia Lerner entrevista professoras, professores, crianças e familiares como forma de identificar aspectos relacionados com o ensino e aprendizagem da matemática. Segundo ela, todos os professores com os quais conversou, independentemente de gostarem ou não deste objeto de conhecimento, concordam em assinalar que é uma disciplina que provoca temor. Em pesquisa realizada em 2011, Ana Carolina Nogueira Oliveira constatou como é comum ouvirmos expressões negativas em relação à matemática, caracterizando-a como uma disciplina difícil, entendida por poucos que, em geral, são rotulados como “gênios”. Sendo verbalizadas por pedagogas atuantes e futuras pedagogas, tais concepções revelam uma relação difícil com um de seus objetos de ensino.

Curi (2006, 2020) dedica boa parte de sua produção acadêmica a estudar a formação matemática das professoras das séries iniciais. Seu doutorado, defendido em 2004, mostrou que, historicamente, havia pouca ênfase, nos cursos de formação de professores de anos iniciais, aos conhecimentos especializados para ensinar determinada disciplina (Curi, 2020).

Sendo a Psicopedagogia uma área do conhecimento e um campo de atuação que lança mão das contribuições de várias áreas do conhecimento (Psicologia, Pedagogia, Sociologia, Antropologia, Linguística, Neurologia, Filosofia, História etc.) na busca de integrar os múltiplos aspectos da aprendizagem humana (Abed, 2006 apud Abed, 2014, p. 9-10), trouxemos o conceito de triangulação, que recebeu especial atenção da psicopedagoga argentina Alicia Fernández.

Durante a realização do grupo focal, as professoras lembraram sua relação com seus ensinantes de matemática ao longo da educação básica e, conseqüentemente, com estes objetos de conhecimento. Como colocou uma delas, a matemática nem sempre traz sensações agradáveis: experiências prazerosas e exitosas vieram lado a lado com relatos de experiências traumáticas. Esta relação afetiva negativa por parte das professoras pode ter impacto significativo na aprendizagem de seus estudantes. Se o elo entre ensinante-objeto do conhecimento é ou está fragilizado, esta fragilidade reverbera na construção da triangulação, podendo prejudicar sua qualidade e, portanto, a aprendizagem.

CONCLUSÃO

A partir da análise dos dados e fundamentada na teoria apresentada, concluímos que a relação das professoras-ensinantes com os objetos de conhecimento matemático foi marcada por experiências nem sempre agradáveis com docentes e conteúdos ao longo da educação básica e que a formação secundária e/ou universitária não supriu esta defasagem. Sugerimos que uma mudança neste cenário passa pela possibilidade de construir novas triangulações, mais positivas, por meio da formação universitária, com colegas de profissão mais experientes, docentes especialistas

em matemática, ensinantes enfim, que possibilitem às professoras pedagogas um melhor domínio destes objetos.

REFERÊNCIAS

- ABED, Anita Lilian Zuppo. O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica. **Constr. psicopedag.**, São Paulo, v. 24, n. 25, p. 8-27, 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542016000100002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em: 09 dez. 2024.
- CAMPOS, Ana Maria Antunes de. “Ansiedade matemática: Fatores cognitivos e afetivos” in: **Rev. Psicopedagogia**, v. 39, ed. 119, p. 217-28, 2022. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/revistapsicopedagogia.com.br/pdf/v39n119a07.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2023.
- CURI, Edda. A formação do professor para ensinar Matemática nos anos iniciais do Ensino Fundamental: algumas reflexões. **Revista de Ensino de Ciências e Matemática**, [S. l.], v. 11, n. 7, p. 1-18, 2020. Disponível em: <https://revistapos.cruzeirodosul.edu.br/index.php/rencima/article/view/2787>. Acesso em: 28 ago. 2023.
- _____. A formação matemática de professores dos anos iniciais do ensino fundamental face às novas demandas brasileiras. **Revista Iberoamericana de Educación**, v. 37, n. 5, p. 1-10, 25 jan. 2006. Disponível em: <https://rieoei.org/RIE/article/view/2687>. Acesso em: 13 fev. 2024.
- FRANÇA, Arthur Luna Borba Colen; DORNELES, Beatriz Vargas. “Ansiedade Matemática em Professores Brasileiros: retratos iniciais da literatura” in: **Educação Matemática em Revista**, Brasília, v. 26, n. 73, p. 132-150, out./dez. 2021. Disponível em: <http://funes.uniandes.edu.co/24017/1/Borba2021Ansiedade.pdf>. Acesso em: 05 fev. 2023.
- FERNÁNDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada** – Abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. Porto Alegre: Artmed, 1991.
- GODOY, Arilda Schmidt. “Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais”. **Rev. adm. empres.**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, Junho 1995. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901995000300004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 08 jan. 2024.
- LERNER, Delia. **A matemática na escola**: aqui e agora. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- OLIVEIRA, Ana Carolina Nogueira. **Concepções dos acadêmicos do Curso de Pedagogia em relação a Matemática**: as implicações da/na formação. Pelotas: UFPEL, 2011.



EIXO 3

INTERVENÇÃO E TRANSFORMAÇÃO
SOCIAL

FERNANDO LIMONGELI GURGUEIRA
ORIENTAÇÃO: PROFA. DRA. ELIZABETH DOS REIS SANADA

10. IDENTIDADE E CULTURA: AS INTERSECÇÕES CULTURAIS ENTRE HISTÓRIA FAMILIAR E OS "BRASIS" PRESENTES NA OBRA "O POVO BRASILEIRO", DE DARCY RIBEIRO

SÃO PAULO
2025

Fernando Limongeli Gurgueira²¹

Orientação: Profa. Dra. Elizabeth dos Reis Sanada²²

Palavras-chave: Cultura Brasileira; Identidade Cultural; História Familiar.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi desenvolvido como parte de uma disciplina sobre cultura brasileira ministrada em uma instituição de ensino superior em São Paulo. O objetivo do trabalho era levar, primeiramente, os alunos a identificarem com base em sua própria história familiar quais elementos dos “Brasis”, delineados por Darcy Ribeiro na obra “O povo Brasileiro”, que estariam presentes em sua cultura familiar. A partir da identificação desses elementos, levá-los a perceber a inserção da própria família em um ou mais desses “Brasis”, olhar para as intersecções culturais entre os diversos “Brasis” que compõem a cultura brasileira e, por fim, refletir sobre a construção da sua própria identidade cultural com base nessas intersecções.

METODOLOGIA

O trabalho se desenvolveu inicialmente com a leitura e discussão da obra de Darcy Ribeiro, “O Povo Brasileiro”. Com base nesse trabalho, o professor propôs a elaboração, por parte de cada aluno, de uma “genealogia cultural familiar” para identificar a inserção de cada família em um ou mais dos “Brasis”. A coleta de dados sobre a história, a genealogia e a cultura familiar foi realizada com base em um questionário que resultou na elaboração de um quadro genealógico cultural familiar. Ao final do semestre os alunos apresentaram um painel sobre os quadros, estabelecendo a correlação entre a sua própria cultura familiar e as discussões sobre a obra.

21 Mestre em História Social pela Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP, Bacharel em História pela FFLCH-USP e Licenciado pela Faculdade de Educação da USP. Atualmente é Professor Titular dos Cursos de Administração, Ciências Econômicas e Relações Internacionais e do programa BIA do Centro Universitário FAAP. Coordenador do TCC dos cursos de Administração, Ciências Econômicas e Relações Internacionais. Publicou, em 2009, pela editora Hucitec o livro “A Integração Nacional pelas ondas: o rádio no Estado Novo”, resultado da sua dissertação de Mestrado.

22 Doutora e mestra em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Especialista em Formação Integral, Competências Socioemocionais e Práticas Educacionais Inovadoras. Psicanalista, psicóloga e pedagoga. Professora dos cursos de graduação e pós-graduação do Instituto Singularidades. Ministra cursos e atua como pesquisadora nas temáticas Aprendizagem e desenvolvimento; Educação infantil; Adolescência; Neurociências e educação; Gestão educacional com alunos e famílias; e Metodologias ativas. Assessora pedagógica em instituições públicas e particulares.

DISCUSSÃO TEÓRICA

A principal referência teórica deste trabalho, como já observado, foi a obra “O Povo Brasileiro”, de Darcy Ribeiro. Nela, o autor buscou reconstituir e compreender o processo de formação do povo brasileiro com base na premissa de que esse processo estaria ligado ao confronto e à fusão de matrizes étnicas e culturais distintas – indígenas, europeias e africanas, cujo resultado teria sido o surgimento de um povo novo: “[n]ovo porque surge como uma etnia nacional, diferenciada culturalmente de suas matrizes formadoras, fortemente mestiçada, dinamizada por uma cultura sincrética e singularizada pela redefinição dos traços culturais delas oriundos” (Ribeiro, 2006 p.17).

RESULTADOS

A leitura e discussão da obra possibilitaram identificar os elementos socioculturais formadores dos diversos “Brasis” e estabelecer o quadro geral da formação do povo e da cultura brasileira. O resultado fundamental desse trabalho foi a materialização na história dos alunos e de suas famílias das intersecções culturais entre os diversos “Brasis”, as transformações históricas na formação da sociedade brasileira e da diversidade cultural do Brasil, como observou uma aluna: “[...] é um resgate da nossa verdadeira identidade cultural, desperta o desejo de pesquisar mais, amplia nosso conhecimento por meio de uma leitura tão rica do Darci Ribeiro, conhecer como se formou a nossa família sua origem, a grande diversidade cultural existente no nosso país”.

CONCLUSÃO

O desenvolvimento deste trabalho possibilitou aos alunos, além da reflexão sobre a complexidade do processo histórico de formação da diversidade cultural brasileira, olhar essa cultura e a sua própria identidade cultural de uma perspectiva dupla: o processo histórico mais amplo e a sua inserção nesse processo como sujeito histórico, por meio da sua própria história familiar. Como observou outra aluna ao responder sobre como esse trabalho de pesquisa contribuiu para a construção de uma perspectiva histórica da cultura: “foi bom descobrir de quais cidades vieram meus avós e entender como minha família se situou geograficamente no Brasil, assim entendendo e imaginando a força das matrizes culturais do Brasil dentro da minha história e de mim mesma”.

REFERÊNCIAS

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 5a reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

LENITA DAMASCENO LENCIONI
ORIENTAÇÃO: PROFA. DRA. ELIZABETH DOS REIS SANADA

11. CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM COGNITIVA- COMPORTAMENTAL PARA A PSICOPEDAGOGIA

SÃO PAULO
2025

Lenita Damasceno Lencioni²³

Orientação: Profa. Dra. Elizabeth dos Reis Sanada²⁴

Palavras-chave: Aprendizado Cognitivo-Comportamental; Contribuições Psicológicas; Intervenção de Demandas.

INTRODUÇÃO

A psicopedagogia é um conhecimento independente de outras áreas, é uma metodologia que integra conhecimentos da psicologia, pedagogia e várias outras áreas que explicam o desenvolvimento humano na aprendizagem, olhando para o aprendente como um ser íntegro que considera os aspectos biológico, social e emocional. Neste artigo, o objetivo é propor uma nova contribuição da psicologia para a psicopedagogia a partir dos conceitos da terapia cognitiva-comportamental.

METODOLOGIA

Existe um conceito na terapia cognitiva-comportamental que envolve crenças, pensamentos automáticos e distorções cognitivas, esse conceito, que chamamos de conceitualização cognitiva (Wenzel; 2018), é como se fosse o mapa da psique de uma pessoa, destacando ao terapeuta acontecimentos antigos, da infância, que são reproduzidos até o momento.

Acontece que, no aprendizado, essas crenças e pensamentos não param de acontecer e para muitos podem interferir na aquisição do conhecimento. Por isso, trago aqui, com a ajuda da teoria da cognitiva-comportamental, uma proposta de regulação desses pensamentos e emoções para melhor lidar com o ambiente escolar.

Antes de avaliar o conhecimento e o aprendizado do aluno, precisamos identificar quais são as demandas orgânicas e emocionais dele, qual é a história de vida, diagnósticos, estilos parentais e ambientes sociais em que ele está inserido, tudo isso – e principalmente o ambiente familiar – será importante para compreender e intervir nas demandas. Na psicopedagogia, isso é uma prática muito importante. Além disso, Visca (2010) nos provoca a pensar sobre o aprendente como um ser íntegro e que será importante para o assunto a seguir.

DISCUSSÃO TEÓRICA

Como já sabemos, grandes contribuições foram feitas por Freud e Jung na psicanálise, Piaget no construtivismo e Vygotsky na perspectiva sócio-histórica. Pensando na diversidade de conhecimentos da psicologia e a oportunidade que a psicopedagogia proporciona, compreendi que a contribuição das várias releituras da psicologia é fundamental para a aprendizagem, proponho, então, parte do conceito da perspectiva cognitiva-comportamental que podem ir ao encontro de desafios na aprendizagem (BARONE et al., 2011).

23 Graduada em Pedagogia pela PUC-Sp, graduada em Letras pelo Centro Universitário Ítalo Brasileiro, pós-graduada em Psicopedagogia pelo Instituto Singularidades. Experiência profissional como professora de inglês com certificações internacionais para crianças da Educação Infantil e Fundamental I em escolas particulares. Atendimento personalizado a crianças, jovens e adultos na Língua Inglesa e reforço escolar até o final do Fundamental I.

24 Doutora e mestra em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Especialista em Formação Integral, Competências Socioemocionais e Práticas Educacionais Inovadoras. Psicanalista, psicóloga e pedagoga. Professora dos cursos de graduação e pós-graduação do Instituto Singularidades. Ministra cursos e atua como pesquisadora nas temáticas Aprendizagem e desenvolvimento; Educação infantil; Adolescência; Neurociências e educação; Gestão educacional com alunos e famílias; e Metodologias ativas. Assessora pedagógica em instituições públicas e particulares.

RESULTADO

Irei tomar como exemplo aqui a seguinte demanda que venho atendendo constantemente em meus atendimentos clínicos na psicoterapia, o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). O TDAH tem como demanda a dificuldade em algumas funções executivas como Atenção, Concentração, Planejamento e Freio Inibitório. Primeiramente é importante levar em consideração que, apesar de futuramente ser essas funções que irei estimular, antes precisamos “emparelhar” com o aprendente ou, como dizemos no atendimento individual, criar vínculo com o aluno para depois guiá-lo para as intervenções necessárias e oferecer propostas para melhorar seu desempenho nessas funções.

Durante a construção do vínculo é muito importante observar e transcender o diagnóstico, olhar o que mais influência nessa dificuldade de aprender além das capacidades executivas, quais as emoções e motivações (Wenzel, 2018) estão limitando o aprendizado.

Esse aluno que tem TDAH, por mais que melhore sua atenção e suas funções executivas com ajuda das intervenções medicamentosas e/ ou por meio dos atendimentos, permanece com pensamentos disfuncionais no seu desenvolvimento, como “não sou capaz de aprender”, “não consigo prestar atenção” ou até mesmo “sou preguiçoso e não há nada que mude”, pensamentos que o dizem que aquela demanda “é” ele e não “parte” dele,. Esses pensamentos limitam uma possibilidade de aprendizado e torna o ambiente de aprendizagem ansiogênico em qualquer outra fase da vida. Trabalhar com a desfragmentação do diagnóstico através da metacognição, questionar esses pensamentos utilizando do pensamento socrático, reconstruir o aluno com outras perspectivas, mostrando suas forças pessoais, e regular as emoções no ambiente de aprendizagem são caminhos que têm impactos positivos nos atendimentos, rompendo as limitações do aprendente em relação ao aprendizado (Wenzel, 2018).

CONCLUSÃO

É recorrente ouvir queixas de crianças com transtornos e dificuldades na aprendizagem por passarem por situações em que a autoestima vai sendo afetada negativamente porque, durante o percurso escolar, são intituladas de diversas maneiras; essas colocações são alimentadas e transformadas em crenças, são falas que, ao longo da vida, são internalizadas na cabeça daquele aluno e que vai se tornando uma “realidade” para ele. Sendo assim, por mais que a criança/o adolescente esteja sendo estimulada/o e até mesmo medicada/o para melhorar seu desempenho cognitivo, essas falas, ou melhor, essas crenças vão se cristalizando e se tornam limitantes ao aprendizado (Brites, 2021).

REFERÊNCIAS

BARONE, L. M. C., MARTINS, L. C. B., CASTANHO, M. I. S. (Orgs.). **Psicopedagogia teorias da aprendizagem**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

BRITES, Dr Clay. **Como lidar com mentes a mil por hora**: Entenda o TDAH de uma vez por todas e descubra como mentes hiperativas e desatentas podem ter uma vida bem-sucedida. São Paulo: Editora Gente, 2021.

VISCA, Jorge. **Clinica Psicopedagógica. Epistemologia Convergente**. São Paulo: Editora Pulso, 2010, 2a edição.

WENZEL, Amy. **Inovações em Terapia Cognitivo-Comportamental: Intervenções Estratégicas para uma Prática Criativa**. Porto Alegre: Artmed, 2018.



URIEL BARBOSA LIRA CUNHA
ORIENTAÇÃO: PROFA. DRA. NAINÉ TERENA DE JESUS

12. ENVOLVIMENTO PERIFÉRICO AGROECOLÓGICO: CORRE DO GRUPO DA MATA

SÃO PAULO
2025

Uriel Barbosa Lira Cunha²⁵

Orientação: Profa. Dra. Naine Terena de Jesus²⁶

Palavras-chave: Envolvimento Local; Agroecologia; Periferia; Turismo de Base Comunitária; Cultura.

INTRODUÇÃO

O trabalho apresentado é uma cartilha que reúne as práticas realizadas pelo coletivo Grupo Da Mata, organizadas de modo a explicitar e embasar teoricamente a metodologia aplicada, a partir de trabalhos de diferentes naturezas, e inspirar iniciativas em outros locais.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada partiu da observação empírica da própria experiência da autora no Grupo Da Mata, integrando as práticas observadas a um levantamento bibliográfico, priorizando obras não restritas ao meio acadêmico. Para tanto, parte da ideia de “envolvimento” defendida por Ailton Krenak e Antônio Bispo.

DISCUSSÃO TEÓRICA

Na discussão teórica, apresenta críticas aos termos “desenvolvimento local”, “cidades sustentáveis” e “sustentabilidade”, evidenciando como o uso amplo destes termos para descrever a melhoria de vida das populações marginalizadas não trouxe mudanças efetivas. Neste aspecto, apresenta as potencialidades dos conceitos de “turismo de base comunitária” e “agroecologia”, que agregam valores significativos para as práticas que de fato podem contribuir para as transformações reais nas cidades e periferias.

²⁵ Bibliotecária na Escola Técnica de Itaqueria, gestora e agente cultural, principalmente na Zona Leste de São Paulo, SP. Desde 2018, integra o coletivo Grupo Da Mata, trabalhando com gestão, informação, comunicação, produção e elaboração de projetos e ações. Atuou como gestora na comunidade de cultural popular Cordão Folclórico de Itaqueria, é capoeirista no grupo Guerreiros de Fé e percussionista no grupo de Samba de Bumbo, Cordão Sucatas Ambulantes. Atua como produtora nos projetos Cria-Ativa Cohab 2, Volta Juçara! E Horta Comunitária Da Mata.

²⁶ Professora, cineasta, artista, curadora, pesquisadora. Integrante da etnia Terena, atua entre a prática educativa e a produção audiovisual, contribuindo para projetos de valorização e difusão das culturas indígenas em diversos níveis do sistema das artes, seja para a instrumentalização das comunidades no uso de dispositivos tecnológicos que permitem a elaboração de narrativas sobre seu cotidiano e história, seja no entendimento dos meandros do sistema de circulação de informações, e sua efetiva inserção no meio artístico.

RESULTADOS

A cartilha é um registro escrito da intervenção praticada pelo Grupo Da Mata no seu território, a Cohab 2, em Itaqueria, São Paulo. Entre as intervenções está a realização de diferentes tipos de ações socioambientais e culturais na região, principalmente com o cuidado da Horta Da Mata e do projeto de turismo de base comunitária, o Cria-Ativa Cohab 2. Tal processo de organização e registro resultou em um material que agregou para a compreensão das práticas do coletivo pelos próprios integrantes, os saberes que embasam essas ações, assim como manifesta a visão que o Grupo tem sobre as melhores práticas para um bem viver na cidade, fundamentado no respeito à diversidade da vida. Deste modo, os integrantes do Grupo Da Mata estão entre os principais impactados com as ações do coletivo, pois têm a possibilidade de realizar atividades que os levam a se encontrar em outros modos de se relacionar com a vida, vida, o trabalho etc., seja na área ambiental, cultural ou artística, com o aumento da autoestima, valorização e reconhecimento de seus potenciais.

CONCLUSÃO

Na conclusão, defende-se a utilização dos conceitos “envolvimento local”, “cidades para a vida” como contraposição aos termos mais utilizados genericamente, valorizando também a importância simbólica da comunicação neste processo. Destaca-se a importância da valorização e reconhecimento das iniciativas locais e da aplicação da agroecologia como uma prática integrada (social, ambiental e econômica), como modos de incentivar ainda mais as transformações sociais a partir do envolvimento das comunidades em seus territórios.

REFERÊNCIAS

- ACESA. **Agroecologia**. Disponível em: <http://www.acesa.eco.br/atuacao/agroecologia/>. Acesso em: 21 jul. 2022.
- ALMEIDA, D. A. O.; BIAZOTI, A. R. Agroecologia urbana: para a cidade, na cidade e da cidade! **Revista de Agricultura Urbana**, n. 33, Nov. 2017. Disponível em: https://www.agriculturaurbana.org.br/rau/rau_33/rau33_total.pdf#page=17. Acesso em: 21 jul. 2022.
- AULETE DIGITAL. **Envolvimento**. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/envolvimento>. Acesso em: 21 jul. 2022.
- BARROS, R. K. B. O pensamento de Ailton Krenak: voz intelectual indígena no Brasil. **Revista Entrelaces**, V. 11, No 23, Jan./Mar. 2021. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/entrelaces/article/view/60905#:~:text=voz%20intelectual%20indigena%20no%20Brasil&text=Adotando%20o%20nome%20do%20povo,%C3%A0%20busca%20incessante%20pelo%20desenvolvimento>. Acesso em: 26 ago. 2022.=
- BORORÉ AO MUNDO. **APA Bororé-Colônia**. Disponível em: <https://bororeaomundo.wixsite.com/memorial>. Acesso em 21/07/2022. COMUNIDADE CULTURAL QUILOMBAQUE. Disponível em: <https://quilombaque.org.br/>. Acesso em: 21 jul. 2022.
- GARCIA, C. Museu territorial transforma bairro Perus em um território educativo. **Portal Aprendiz**. 2018. Disponível em: <https://portal.aprendiz.uol.com.br/2018/12/19/museuterritorial-transforma-bairro-perus-em-um-territorioeducativo/#:~:text=Al%C3%A9m%20de%20servir%20como%20ponto,frequente%20os%20esp%C3%A7os%20da%20regi%C3%A3o>. Acesso em: 21 jul. 2022. =
- GRUPO DA MATA. **E-book e Mapa Cria Ativa Cohab 2**. Disponível em: <https://bityli.com/gICZAi>. Acesso em: 21 jul. 2022.
- LIVI, A.; MORAES, D.; DANTAS, M. G. Fascículo 5: Agroecologia e agroecoturismo. **Curso de Educação Popular em Saúde Ambiental em Comunidades do Município de Cachoeiras de Macacu/RJ**. Rio de Janeiro: EPSJV/Fiocruz: MAB, 2019. Disponível em: http://www.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/files/Fasciculo_5.pdf. Acesso em: 20 jul. 2022.
- PORTO, C. R. P. **Reinvenção Espacial: Agroecologia e Turismo - sustentabilidade ou insustentabilidade?**. 2011. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/32697/000787611.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 jul. 2022.
- PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Relatório Final da 1a Conferência Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável da Cidade de São Paulo**. São Paulo: Prefeitura de São Paulo, 2016. Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/>

secretarias/upload/RelatorioFinalweb.pdf. Acesso em: 20 jul. 2022.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. **Índice de desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) Total e dimensões Renda, Longevidade e Educação. Município de São Paulo e Prefeituras Regionais**. 2000 e 2010. Prefeitura de São Paulo, 2013. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/urbanismo/infocidade/htmls/7_Indice_de_desenvolvimento_humano_municip_2000_10962.html. Acesso em: 21 jul. 2022.

REINIGER, L. R. S.; WIZNIEWSKY, J. G.; KAUFMANN, M. P. **Princípios de Agroecologia**. Rio Grande do Sul: Universidade Federal de Santa Maria, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/15770/Licenciatura_Educacao_campo_PrincipiosAgroecologia.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 20 jul. 2022.

SÃO PAULO (CIDADE). Coordenadoria de Cidadania Cultural. Comunicado - **Homologação da 2ª edição de Mapeamento e Credenciamento de Gestão Comunitária de Espaços Públicos Ociosos na Cidade de São Paulo**. Caderno: Diário Oficial Cidade de São Paulo. São Paulo, 66 (149), p. 61, 31 de julho de 2021. Disponível em: http://www.imprensaoficial.com.br/DO/BuscaDO2001Documento_11_4.

SÃO PAULO (CIDADE). Coordenadoria de Cidadania Cultural. Comunicado - **Homologação da 2ª edição de Mapeamento e Credenciamento da Gestão Comunitária de Espaços Públicos Ociosos na Cidade de São Paulo**. Caderno: Diário Oficial Cidade de São Paulo. São Paulo, 66 (149), p. 61, 31 de julho de 2021. Disponível em: http://www.imprensaoficial.com.br/O/2001Documento_11_4.x?link=%2f2021%2fdiario+oficial+cidade+de+sao+pa%2fjulho%2f31%2fpag_0061_ce849c6b5bd54823330e0acca360f710.pdf&pagina=61&data=31/07/2021&caderno=Di%C3%A1rio%20Oficial%20Cidade%20de%20S%C3%A3o%20Paulo&paginaordenacao=100061. Acesso em: 21 jul. 2022.



EIXO 4

INCLUSÃO, DIVERSIDADE E EQUIDADE

BETINA JUCÁ CRUZ
ORIENTAÇÃO: PROFA. MA. DANIELA DAU

13. EDUCAÇÃO EQUITATIVA: A IMPORTÂNCIA DA PSICOPEDAGOGIA INSTITUCIONAL ESCOLAR COMO PRÁTICA PREVENTIVA E INCLUSIVA

SÃO PAULO
2025

Betina Jucá Cruz²⁷
Orientação: Profa. Ma. Daniela Dau²⁸

Palavras-chave: Psicopedagogia Institucional Escolar; Prevenção/Remediação; Dificuldades de Aprendizagem; Educação Equitativa/Inclusiva.

INTRODUÇÃO

Idealmente, o papel da escola seria o de permitir que os alunos adquiram consciência do seu valor pessoal, inseparável do valor de pertencimento a um grupo. Mas, por vezes, ela falha nesta missão, podendo assumir um papel “patogênico”, onde as experiências educativas se tornam mais patogênicas e menos promotoras de um certo estado de bem-estar que o sujeito aprendiz deseja alcançar (Almeida, 1998).

Neste contexto, surge uma principal função do psicopedagogo: mediar o desenvolvimento do sujeito aprendiz com a expectativa tanto da escola como por parte da família, trabalhando assim “as potencialidades e capacidades dos alunos de forma criativa e de buscar conhecer as dificuldades, enfrentando-as na busca da qualidade da educação” (Ballerini, 2018, p.139), buscando remover as dificuldades que estão ocorrendo com o aluno-aprendiz em sua relação com os objetos de aprendizagem escolar (Weiss, 2015).

27 Formada em Letras – Licenciatura pelo Instituto Superior de Ensino Cultura Inglesa, pós-graduada no curso de especialização em Psicopedagogia (Práticas Educacionais e Contextos de Intervenção) pelo Instituto Singularidades e pós-graduanda no curso de especialização em Educação Bilíngue e Plurilíngue pela Faculdade Cultura Inglesa. É atualmente professora de inglês no Colégio Visconde de Porto Seguro e atua na área de ensino de língua inglesa desde 2010 em diversos contextos de ensino-aprendizagem, enquanto professora, coordenadora e tutora.

28 MA em General Psychology pela The New School. Psicóloga pela UFPR. Pedagoga pelo Instituto Singularidades. Psicoterapeuta psicanalítica pela Contemporary Freudian Society. Psicanalista de famílias/casais e psicoterapeuta psicanalítica de mãe-bebê pela PUC-SP. Formação em Terapia Cognitivo Comportamental (TCC) pelo CETCC. Foi tutora para PROFS/IS e FMCSV/IS e coordenadora de formadores para PlannetaEducação/IS. Foi conteudista na pós-graduação EaD em Psicopedagogia e orientadora de TCC na pós em Metodologias ativas, Psicopedagogia e Neurociência no IS. Foi elaboradora de material didático para FTD Educação/OPEE. Foi localizadora e instrutora em Psicologia na Saint Leo University. No IS, foi mediadora do GRELIP e professora na pós-graduação presencial em Psicopedagogia, onde atualmente é coordenadora da pós-graduação EaD em Psicopedagogia. Atua na clínica em TCC.

Este olhar individualizado, que enxerga o indivíduo em sua totalidade e discute a questão do processo de ensino-aprendizagem no contexto sociocultural em que o aprendiz se encontra, tem como finalidade intervir (vir “entre”) no interferir (ferir “entre”) (Fernández, 2011). Essa tarefa consiste, de acordo com a autora, em “intervir”, evitando que o meio “interfira” negativamente no desenvolvimento do sujeito aprendiz. E, para tanto, é necessário analisar as condições internas e externas da aprendizagem, da prática psicopedagógica a partir da interface entre subjetividade e objetividade, no entrecruzamento organismo, corpo, inteligência e desejo (Paín, 1988).

O objetivo deste resumo é, portanto, discutir a importância da psicopedagogia institucional escolar no desenvolvimento do sujeito aprendiz, na prevenção/remediação de dificuldades relacionadas à aprendizagem e na promoção de uma educação mais equitativa.

METODOLOGIA

Este trabalho discute a importância da psicopedagogia institucional escolar enquanto prática preventiva/remediativa de dificuldades relacionadas à aprendizagem, promotora de uma educação mais equitativa e atuante no desenvolvimento do sujeito aprendiz.

Essa discussão se dá por meio da elaboração de conceitos-chave, como o que é e qual é o papel social do fracasso escolar para a psicopedagogia; a diferenciação entre dificuldades de aprendizagem e transtornos de aprendizagem; o lugar do psicopedagogo na relação entre desejo, inteligência e sintoma; a questão da psicopatologização presente na educação atualmente; e a abordagem de uma educação equitativa e de qualidade para todos. Ele apresenta também algumas reflexões sobre o olhar psicopedagógico na minha prática docente enquanto relato profissional pessoal.

Este trabalho toma por referencial autores como Sara Paín, a partir do estudo das dimensões do processo de aprendizagem e dos fatores que podem interferir no problema de aprendizagem; das condições internas e externas da aprendizagem; e da prática psicopedagógica a partir da interface entre subjetividade e objetividade. Outro pensamento chave neste ensaio é o de Alicia Fernández, destacando as dimensões do aprender no entrecruzamento organismo, corpo, inteligência e desejo, e das diferenças entre fracasso escolar e problemas de aprendizagem; bem como o estudo de Nádia Bossa em relação ao papel da Psicopedagogia Institucional e o papel do psicopedagogo nas escolas.

Essa discussão justifica-se mediante a crescente demanda que as escolas regulares têm tido com a implementação da educação inclusiva nos últimos anos, em garantir a aprendizagem de todos os alunos, por meio do suporte para alunos, docentes, gestores escolares, famílias e profissionais de saúde envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

DISCUSSÕES E CONCLUSÕES

A psicopedagogia institucional surge como proposta para pensar a escola à luz da Psicopedagogia, assumindo um compromisso de ação preventiva, por meio de sua intervenção compreensiva no ambiente escolar, encontrando, assim, novas modalidades para promover a relação saudável entre seus alunos, professores, pais e gestão escolar e agir no potencial de aprendizagem do sujeito aprendiz. Para tanto, ela deve oferecer um olhar individualizado, enxergando o indivíduo em sua totalidade e discutir a questão do processo de ensino-aprendizagem no contexto sociocultural em que o aprendiz se encontra, com o intuito de “intervir” no “interferir” desse contexto.

Inúmeros são os fatores que resultam no fracasso escolar e nas questões de aprendizagem, emergentes de uma desarticulação dos diferentes aspectos da aprendizagem: afetivo, cognitivo, social que, em geral, indicam algo relativo ao saber, ao conhecer, ao mostrar, ao apropriar-se. Surge, pois, daqui um dos papéis principais do psicopedagogo: o de entender o significado desse sintoma, e descobrir a funcionalidade e ou o significado dele, na confluência entre família, escola e sujeito aprendiz; e o de entender a dinâmica de articulação entre os níveis de inteligência, desejo, organismo e corpo, que pode aprisionar a inteligência e a corporeidade por parte da estrutura simbólica inconsciente e o processo objetivante (lógico-intelectual).

Outra problemática é a grande tendência à psicopatologização dos sujeitos da aprendizagem, com a padronização e normatização do sofrimento psíquico se sobrepondo ao estudo do caso clínico. Tal prática não leva em consideração a existência global e complexa do sujeito nem o enxerga em sua integralidade, visando somente a lógica da competitividade e da eficiência, que desejam apenas resultados escolares satisfatórios e exitosos.

O ensaio também discute sobre a importância da educação equitativa e inclusiva, como forma de garantir a todos o acesso a uma educação de qualidade e assegurar a plena participação e integração na sociedade, sendo necessário, portanto, considerar que a escola em geral e a sala de aula em particular constituem ambientes prioritários para o desenvolvimento de uma Educação Inclusiva, combatendo-se, deste modo, a exclusão e a marginalização social. A promoção e implementação de metodologias de ensino se tornam aqui facilitadoras da inclusão, da participação e da aprendizagem de todos.

Se buscamos de fato uma educação inclusiva e equânime, devemos buscar cada vez mais práticas pedagógicas que garantam uma educação plural, que abrace a diversidade e que garanta o seu acesso a todos. Devemos partir do princípio de que todas as pessoas podem aprender e de que existem diferentes maneiras de garantir esse processo de forma equitativa, considerando a heterogeneidade não como impedimento do aprendizado, mas sim como fator enriquecedor da experiência em sala de aula, a partir da individualidade de cada estudante, contribuindo para uma educação mais inclusiva e plural.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sandra. O papel da escola na educação e prevenção em saúde mental. **Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC)**, 1998. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71281998000100015. Acesso em: 29 de fev. 2024

BALLERINI, L. de P. **Contribuições vygotskianas para a psicopedagogia**. Revista Cadernos de Pedagogia. São Carlos (SP): Universidade Federal de São Carlos, ano 11, v. 11, nº 22, jan-jun 2018, pp. 137-144.

BOSSA, N. A. **Psicopedagogia no Brasil: Contribuições a partir da prática**. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

FERNÁNDEZ, A. **A inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FERNÁNDEZ, Alicia. **Entrevista - Alicia Fernández**. [Entrevista concedida a] Luiza Oliva. **Associação Brasileira de Psicopedagogia (abpp)**, 2011. Disponível em: <https://www.abpp.com.br/entrevista-alicia-fernandez/>. Acesso em: 01 de mar. 2024.

PAÍN, S. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

PAÍN, S. **Estruturas inconscientes do pensamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

CAROLINA RAMOS RESENDE VIDEIRA
CAROLINA SANTOS SILVA PIMENTEL
ORIENTAÇÃO: PROFA. MA. CAROLINA RAMOS RESENDE VIDEIRA

14. COMUNICAÇÃO NÃO VIOLENTA NO ENSINO DE PESSOAS COM AUTISMO

SÃO PAULO
2025

Carolina Ramos Resende Videira²⁹

Carolina Santos Silva Pimentel³⁰

Orientação: Profa. Ma. Carolina Ramos Resende Videira

Palavras-chave: TEA; Comunicação Não Violenta; Inclusão; Interação comunicativa; Autonomia.

INTRODUÇÃO

O presente artigo nasceu da inquietação em buscar o que não sabíamos sobre as possibilidades da aplicação da CNV (Comunicação Não Violenta) em sala de aula com alunos no TEA (Transtorno do Espectro Autista). A variedade de métodos de comunicação disponíveis é exponencial, no entanto, uma busca pelas estratégias exclusivamente direcionadas a este público (que apresenta como principal característica a dificuldade na interação social e que consequentemente impacta o estabelecimento de relações com os indivíduos à sua volta), resultou em uma escassez de produções a este respeito, corroborando para nossa pesquisa, que encontrou um terreno fértil e pouco explorado que pode agregar e muito na comunicação do aluno TEA em ambiente escolar.

METODOLOGIA

Após consenso sobre o objeto de pesquisa, foi realizado um levantamento sobre CNV e TEA separadamente e também de possíveis trabalhos que apresentassem estudos de caso ou dados estatísticos sobre a relevância da aplicabilidade da CNV em diferentes contextos. Cumprida esta primeira etapa, foram delimitados os tópicos a serem desenvolvidos, assim como o material pesquisado a ser incorporado na escrita. O artigo foi estruturado em três partes principais:

1 – Transtorno do Espectro Autista (TEA): foi traçada uma cronologia de autores referência partindo de Leo Kanner em 1943, compondo um texto que articula estudos advindos de psicólogos, psiquiatras e educadores;

2 – Comunicação Não Violenta (CNV): com embasamento em Rosenberg (2006), discute-se o momento histórico em que a abordagem foi desenvolvida e como se deu sua expansão global, trazendo seus componentes e diferentes ambientes aos quais se tem registro de aplicações;

3- CNV e TEA: neste bloco, é feita uma discussão sobre o ambiente da sala de aula em que o aluno TEA está apenas integrado, ou seja, fazendo parte do grupo, mas sem ter suas necessidades respeitadas, sob um olhar capacitista em que é considerado incapaz de aprender e como os princípios da CNV podem contribuir não apenas em sua aprendizagem, mas também no seu desenvolvimento.

²⁹ Educadora e Empreendedora Social, atua nas áreas de Educação, Direitos Humanos e ESG/ASG. Pesquisadora em Violência e Preconceito pela FEUSP, Mestre em Neurociência Comportamental pela UNIFESP, Pós-graduada em Gestão das Diferenças e Práticas Inclusivas e também em Neurociência Comportamental pelo Instituto Singularidades. Certificada pela Fundação Dom Cabral no Programa para Formação de Conselheiros. Membro do Conselho de Direitos Humanos da ONU-Brasil. Presidente do Grupo TJ e Coordenadora de Pós-Graduação em Inclusão da Diversidade do Instituto Singularidades, mais de 20 anos de experiências corporativas diversas em setores como: finanças sustentáveis, diversidade e inclusão, compliance e ética corporativa, emissão zero, comunicação, mercado e B3, contato com setor público, diversas entidades de classe. Vencedora do Prêmio Empreendedor Social do Ano (2022) e do UN Women USA Rise and Raise Others Award (2022) na categoria Redução das desigualdades! Mãe do João e da Maria.

³⁰ Pedagoga e graduada em Letras-Inglês pelo Centro Universitário Estácio. Especialista em Inclusão escolar e Diversidade pelo Instituto Singularidades. Mestranda do Programa Educação, História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Educadora bilíngue no segmento da Educação Infantil.

DISCUSSÃO TEÓRICA

A compreensão das emoções, desejos e necessidades de uma pessoa só é possível quando esta encontra uma maneira de se fazer entender pelo seu interlocutor. A fala, a escrita e os gestos são maneiras de transmitir informações dentre os vários tipos de linguagem existente, que são: verbal, não verbal, mista e digital, proporcionando “a constituição da atividade psicológica, a transformação e o desenvolvimento cognitivo do pensamento” (Orrú, 2012, p.96).

No TEA, a comunicação é um dos pontos que mais demandam atenção, já que o indivíduo no espectro enfrenta desafios significativos que acabam por impactar sua socialização e, conseqüentemente, a qualidade de vida, “uma vez que poucos autistas desenvolvem habilidades verbais e grande parte consiga desenvolver somente habilidades não verbais de comunicação” (Orrú, 2012, p. 38). Isso suscita uma questão muito importante sobre o papel da Educação Inclusiva no ambiente escolar, dado que todos são capazes de aprender e devem ser estimulados para se desenvolverem dentro de suas potencialidades e tempo, sem comparações com os demais alunos do grupo porque “cada pessoa é e sempre será um verdadeiro universo de individualidade, suas ações, seus motivos, seus sentimentos constituem paradigma único” (Antunes, 2012, p. 437).

A Inclusão de fato só ocorre quando o aluno é visto como singular e pertencente ao grupo. Neste ponto, a CNV é a pedra angular que nos permite “ouvir nossas necessidades mais profundas e as dos outros” (Rosemberg, 2006, p. 22) ao ponto de estabelecermos uma relação baseada no respeito e empatia por se tratar de “uma forma de comunicação que nos leva a nos entregarmos de coração” (Rosemberg, 2006, p. 21).

RESULTADO

Além de fazer parte da obra “Da exclusão à inclusão: o que está por trás dessa dimensão?” (2024), organizada por Fabiane Cristina e Paulo César Navega, foi realizado, em junho do mesmo ano, um ciclo de palestras na Secretaria Municipal de Educação de Piracicaba, convidando o público não apenas a conhecer o título, mas também a refletir sobre temas relevantes que por diversas vezes estão em voga, porém não são cotidianamente apresentados de uma maneira clara e simples.

CONCLUSÃO

Apesar de pouco explorada tanto na escola quanto com pessoas com alguma deficiência, a CNV pode contribuir significativamente no aprendizado e participação do aluno TEA nas atividades cotidianas, já que esta abordagem proporciona uma visão global dos indivíduos envolvidos na comunicação, possibilitando situações de conversa clara e assertiva. Acreditamos também que por se tratar de um campo fértil para discussão, nossa pesquisa possa promover um engajamento na busca de práticas pedagógicas mais inclusivas.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, C. **Na sala de aula**. Petrópolis - Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

ORRÚ, S. E. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar**. 3 ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2012.

ROSEMBERG, M.B, **Comunicação não violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais** – São Paulo: Ágora, 2006.

CAROLINA SANTOS SILVA PIMENTEL
ORIENTAÇÃO: PROFA. DRA. PÂMELA CAROLINA MARTINS TEZZELE

15. BRAILLE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: DISCUTINDO A IMPORTÂNCIA DA INCLUSÃO SOB O OLHAR DA INFÂNCIA

SÃO PAULO
2025

Carolina Santos Silva Pimentel ³¹

Orientação: Profa. Dra. Pâmela Carolina Martins Tezzele ³²

Palavras-chave: Deficiência Visual; Braille; Inclusão; Prática docente; Educação Infantil.

INTRODUÇÃO

A prática pedagógica a seguir foi planejada e aplicada em uma turma do segmento da Educação Infantil de um colégio da rede privada de ensino da cidade de São Paulo. Desenvolvida para um público de 15 crianças com idade entre 5 e 6 anos e não pertencente ao grupo Público-alvo da Educação Especial (PAEE), almejou apresentar aos alunos como as pessoas com deficiência visual podem ler e escrever e como realizam as atividades rotineiras com autonomia. Durante o processo, frases como “du não sabia que uma pessoa cega conseguia ler” ou “eu não sabia que uma pessoa cega conseguia andar sozinha” evidenciam a importância de falarmos sobre a Inclusão da Diversidade já nos anos iniciais da escolarização.

A Educação Infantil, portanto, foi escolhida por abrigar um terreno fértil para o plantio das sementes da mudança que tanto almejamos para a sociedade. Cada criança é um vetor que carrega em si os aprendizados construídos ao longo de sua jornada, espalhando, pelo caminho que trilha a esperança de um mundo melhor, com mais equidade, respeito e dignidade para todos.

³¹ Pedagoga e graduada em Letras-Inglês pelo Centro Universitário Estácio. Especialista em Inclusão escolar e Diversidade pelo Instituto Singularidades. Mestranda do Programa Educação, História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Educadora bilíngue no segmento da Educação Infantil.

³² Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC - SP) e Mestre em Educação pela Universidade Nove de Julho (UNINOVE). Licenciada em Educação Especial - Habilitação em Deficiência Intelectual - pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Especialista em Gestão Educacional pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Especialista em Psicopedagogia pela Faculdade Integrada Grande Fortaleza (FGF). Já atuou como Educadora Especial concursada no município de Guarulhos. Atualmente é membro do Grupo de Estudos em Educação Especial coordenado pelo prof. Dr. José Geraldo Silveira Bueno, da PUC-SP, trabalha com formação (para a educação inclusiva) de professores da rede pública municipal e estadual de São Paulo, é docente e coordenadora da pós-graduação em Inclusão Escolar e Diversidade do Instituto Singularidades (SP), além de ser avaliadora convidada da Revista Brasileira de Educação Especial e da Revista de Educação Especial da UFSM.

METODOLOGIA

A atividade foi planejada para três aulas. Para o primeiro dia, foi feita uma roda de conversa aberta tendo como imagem disparadora a personagem Dorinha e seu cão-guia Radar, do cartunista Maurício de Souza. Os alunos foram convidados a compartilhar o que sabiam sobre a personagem e guiados posteriormente por perguntas que os levassem até o ponto chave de nosso projeto: a deficiência visual. Durante este momento, a turma ouviu atentamente como as pessoas cegas caminham pelas ruas fazendo uso de bengalas de diferentes cores, assim como o cão-guia e todo o seu treinamento quando ainda filhote. Aprenderam também como auxiliar este público quando necessário e que quando o cão-guia está em serviço não devemos tocá-lo, chamá-lo ou oferecer alimento.

Na segunda aula, foram apresentados aos Sistema Braille de escrita, que logo reconheceram, em suas palavras, como “as bolinhas nos botões do elevador”. Para elucidar o conteúdo, tocaram e experimentaram a sensação de ler com as pontas dos dedos um livro da Chapeuzinho Vermelho para alunos cegos e videntes, ou seja, com a escrita e imagens impressas e com o Sistema Braille e o contorno em relevo das ilustrações. Foram desafiados também a encontrar o Braille em embalagens comuns em nosso cotidiano, como garrafas de água, caixas de bombons e cotonetes, e tamanha foi sua surpresa que surgiram diversos comentários como “eu já vi isso em uma caixa na minha casa!” ou “quando eu chegar em casa vou olhar todo o meu armário e procurar essas bolinhas.”

Na terceira aula, receberam o alfabeto Braille feito com strass decorativo para entenderem como é feita a combinação dos pontos para se formar as letras. Logo após, receberam uma folha com células Braille impressas, onde deveriam escrever seus nomes à lápis em um espaço pré-determinado e depois transcrevê-los em Braille fazendo uso de bolinhas de massinha de modelar.

DISCUSSÃO TEÓRICA

O trabalho na Educação Infantil é promissor, uma vez que a criança “se apropria do conhecimento sistematizado por meio da ação nas interações com o mundo físico e social” (BRASIL, 2018). O cuidado com este público deve estar muito presente, já que “cada criança é feita da matéria do mundo, da circulação da vida, das circunstâncias históricas e sociais, mas ao mesmo tempo de sonhos” (Antônio; Tavares, 2019, P.16).

A criança precisa de tempo para se desenvolver, precisa sentir que pertence ao ambiente no qual está inserida e tudo isso lhe é ofertado na Educação Infantil, onde o respeito às suas necessidades individuais e desejos devem ser pautados pelo princípio de que ela “não é uma folha em branco a ser escrita, um vaso a ser preenchido, um autômato a ser programado” (ANTÔNIO; TAVARES, 2019, P.16).

As interações sociais entre a criança e o adulto, criança e criança e criança e ambiente fazem com que o aprendizado de fato ocorra, pois esta troca de estímulos e conhecimentos impacta diretamente seu desenvolvimento que “se dá a partir das interações com o meio social em que se vive” (Rego, 2014, p.60). Esta convivência e troca abrem espaço para a construção de um ambiente inclusivo, muito propício à discussão de temas abrangentes, que certamente culminarão com os alunos instruídos a criar meios de derrubar as diferentes barreiras impostas pela sociedade ou até mesmo impedir que novas barreiras surjam.

É preciso entender que incluir não é apenas garantir que as cotas dos diversos setores da sociedade sejam preenchidas, mas sim mudar a consciência da população em si, visando a cada dia colocar mais um pavimento no extenso caminho da Inclusão, que só pode ser construído em conjunto e que, quanto antes iniciarmos, mais impacto teremos.

RESULTADO

Algumas famílias enviaram mensagens através do aplicativo de comunicação utilizado pela escola, solicitando que mais projetos assim fossem desenvolvidos sobre a diversidade, enquanto outras disseram que os filhos transmitiram o que aprenderam em sala para os familiares em casa. No contexto escolar, este impacto reverberou também no ano seguinte, desta vez nas turmas do 1º ano do Ensino Fundamental, pois, dentro do material de língua portuguesa, o Braille era mencionado e as professoras solicitaram os materiais utilizados no projeto da Educação Infantil. Quanto às crianças que participaram do projeto, estas desenvolveram um olhar mais atento do mundo ao seu redor, trazendo, nos dias que se seguiram, relatos em que diziam ter encontrado alguma pessoa com a deficiência no metrô ou nas ruas e detalharam como ela se locomovia. Também afirmaram que constantemente buscavam pelas “bolinhas” do Braille nas embalagens dos produtos enquanto faziam compras com a família, mostrando aos entes queridos do que se tratava.

CONCLUSÃO

Falar sobre Inclusão já na Educação Infantil é imprescindível para que a base da sociedade seja formada de maneira respeitosa e com equidade. Ensinar as crianças sobre a Inclusão da Diversidade é plantar sementes promissoras no presente, visando uma frondosa e frutífera árvore no futuro, que deixará seus frutos caírem no quintal do vizinho, espalhando conhecimento, dando continuidade a um ciclo.

REFERÊNCIAS

ANTÔNIO, S; TAVARES, K. **Uma pedagogia poética para crianças**. 1ed. Americana: Adonis, 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 25. ed. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

ALESSANDRO JOSÉ DE ALMEIDA SILVA
AMANDA DE BARROS MOTA
CONCEIÇÃO ELAINE CARDOSO SILVA
EDUARDO DE OLIVEIRA LEITE
JOÃO LUCAS MOURA
VICTÓRIA MARIA LOPES CORRÊA
ORIENTAÇÃO: PROFA. MA. LUCAS DANTAS

16. CORPOS DESOBEDIENTES – INCLUIR OU ABANDONAR: UMA QUESTÃO DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO

SÃO PAULO
2025

Alessandro José de Almeida Silva³³

Amanda de Barros Mota³⁴

Conceição Elaine Cardoso Silva³⁵

Eduardo de Oliveira Leite³⁶

João Lucas Moura³⁷

Victória Maria Lopes Corrêa³⁸

Orientação: Profa. Ma. Lucas Dantas³⁹

Palavras-chave: Gênero; Sexualidade; Educadores; Corpos Desobedientes; LGBTQIAP+.

- 33 Educador e pesquisador, Alessandro é comprometido com a desconstrução de normas cisheteronormativas no ambiente escolar. Seu trabalho explora o impacto das experiências pessoais na prática pedagógica, buscando promover acolhimento e igualdade para corpos dissidentes de gênero e sexualidade.
- 34 Professora de Geografia e Educação Infantil na rede pública de São Paulo. Com foco em práticas inclusivas, trabalha para que crianças e adolescentes possam expressar sua essência livremente. Amanda também pesquisa questões relacionadas à diversidade e interseccionalidade no ambiente escolar.
- 35 Educadora e mãe, com uma trajetória marcada pelo reconhecimento de sua ancestralidade e identidade negra. Suas experiências pessoais impulsionam sua luta contra o racismo e a exclusão social, com ênfase em práticas pedagógicas que valorizam a diversidade.
- 36 Ator, educador e pesquisador, Eduardo utiliza a arte como ferramenta de transformação social. Com formação em Artes Cênicas e Pós-Graduação em Educação Integral, dedica-se à construção de práticas educacionais interseccionais, decoloniais e antirracistas.
- 37 Psicólogo e educador, João Lucas é defensor da educação como ferramenta de emancipação e autoconhecimento. Sua trajetória combina reflexões sobre identidade e inclusão, buscando promover espaços que acolham as diversidades humanas no ambiente educacional.
- 38 Professora de História e Pedagogia, Victória tem experiência em escolas públicas e privadas, com foco em habilidades socioemocionais. Sua pesquisa aborda marcadores sociais da diferença e a inserção de práticas educacionais inclusivas no contexto escolar.
- 39 Pesquisadora de Gênero, Sexualidade e Corpos Dissidentes na Educação. É professora na Pós-Graduação em Inclusão Escolar e Diversidade: Questões Conceituais e Instrumentalização de Práticas do Instituto Singularidades, onde ministra a disciplina Gênero e Sexualidade: Contribuições da Academia e da Militância, e na Pós-Graduação em Psicopedagogia: Práticas Educacionais e Contextos da Educação, também no Instituto Singularidades, onde ministra a disciplina Gênero, Sexualidade e Educação, orientando os trabalhos de conclusão de curso (TCC) de ambas as Pós-Graduações que se debruçam sobre este tema. É Mestre em Educação: História, Política pela Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). É licenciada em Letras-Português pelo Instituto Singularidades (IS). Realizou a formação em Direitos Humanos e Cidadania: Proteção, Promoção e Reparação dos Direitos das pessoas LGBT+ e de Identidade de Gênero pela Escola de Formação em Direitos Humanos (EFDH) e a formação em Promoção e Defesa dos Direitos LGBT pela Escola Nacional de Administração Pública (ENAP). Ministrou a Oficina de Literatura LGBTQIAP+: Representatividade, Lugar de Fala e Produção de Registro para o projeto Transcidadania, no Centro de Cidadania LGBT Arouche e no Centro de Cidadania LGBTI Luana Barbosa dos Reis. Ministrou o curso Currículo e Interseccionalidade com mais de 10 módulos através do Coletivo da Diversidade no Instituto Singularidades para alunos, funcionários e professores. Publicou mais de 14 textos sobre Gênero, Sexualidade e Corpos Dissidentes na Educação em revistas, blogs, publicações e periódicos. Como Educadora e Pesquisadora, desenvolve formações sobre Gênero, Sexualidade e Corpos Dissidentes para alunos e educadores da rede pública e privada de ensino.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de pesquisa se materializa em formato de documentário audiovisual intitulado “Corpos Desobedientes – Incluir ou abandonar”, que é composto por relatos de oito educadores da cidade de São Paulo sobre suas experiências pessoais e profissionais na educação com enfoque nas questões de gênero e sexualidade, buscando no entremeio de suas narrativas, práticas educacionais transformadoras para uma educação que respeite os direitos das pessoas LGBTQIAP+.

METODOLOGIA

Para construção do documentário, utilizamos conceitos e práticas da escuta ativa e história oral, estruturando a captação dos depoimentos por meio de quatro grandes estações temáticas sobre as quais os educadores puderam falar livremente. A seleção dos educadores se pautou em uma busca pela diversidade dentro de nosso território, convidamos a participar educadores formais e não-formais, professores, gestores, heterossexuais e pessoas LGBTQIAP+. Cada depoimento foi gravado individualmente e a partir do material coletado, organizamos a edição do filme distribuindo os conteúdos em cinco blocos: trajetórias, existências, inquietações, urgências e resistências.

DISCUSSÃO TEÓRICA

Para além da criação do documentário, buscamos também realizar uma análise dos depoimentos embasando nossos argumentos a partir de autores como Megg Rayara Gomes de Oliveira, Marina Chagas Luz e Jota Mombaça. Relacionamos também os depoimentos com pesquisas realizadas pelas associações ABGLT e ANTRA. Por meio das análises, percebemos que os relatos individuais retratam o coletivo.

RESULTADO

Ao analisarmos os depoimentos coletados, buscamos pontos em comum entre as falas dos educadores. Notamos que as vivências destes educadores enquanto estudantes marcaram suas experiências e seus corpos enquanto pessoas LGBTQIAP+, que tiveram suas identidades violentadas. Os depoimentos também revelam que a geração mais jovem vê cada vez menos a sexualidade como um assunto delicado e tem buscado informações sobre o tema, mas nas escolas encontram uma estrutura que busca invisibilizar as diferenças e que oprime aqueles que não se enquadram no padrão “feminino” e “masculino” com violência psicológica e física.

CONCLUSÃO

As situações registradas no documentário permitiram chamar atenção para urgência das discussões sobre gênero e sexualidade no contexto educacional para que possamos promover uma educação que respeite o direito das pessoas LGBTQIAP+.

REFERÊNCIAS

LUZ, Marina Chagas. **Escola, Gênero e Sexualidade:** Analisando a cisheteronormatividade das práticas pedagógicas. Instituto Singularidades, 2021.

MOMBAÇA, Jota. **Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência!** 2016. Disponível em: https://issuu.com/amilcarpacker/docs/rumo_a_uma_redistribuic__a__o_da_vi. Acesso em: 11 mai. 2021.

OLIVEIRA, Megg Rayara. **O Diabo em forma de gente:** (R)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

